

Cadernos

IHU ideias

ISSN 1679-0316 (impresso) | ISSN 2448-0304 (on-line)

Ano 20 | nº 338 | vol. 20 | 2022

**Sobre o mecanismo do terrorismo político-fascista:
a violência estocástica da serpente do fascismo**

Rudá Ricci e Luís Carlos Petry

Cadernos
IHU ideias

ISSN 1679-0316 (impresso) | ISSN 2448-0304 (on-line)

Ano 20 | nº 338 | vol. 20 | 2022

**Sobre o mecanismo do
terrorismo político-fascista:
a violência estocástica da
serpente do fascismo**

Rudá Ricci

Doutor em ciências sociais e presidente do Instituto Cultiva

Luís Carlos Petry

Doutor em comunicação e semiótica, psicanalista, topólogo e
professor aposentado pela PUC-SP



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

Cadernos IHU ideias é uma publicação periódica e digital do Instituto Humanitas Unisinos – IHU que apresenta artigos produzidos por palestrantes e convidados(as) dos eventos promovidos pelo Instituto, além de artigos inéditos de pesquisadores em diversas universidades e instituições de pesquisa. A diversidade transdisciplinar dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é a característica essencial desta publicação.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS

Reitor: Sérgio Mariucci, SJ
Vice-reitor: Artur Eugênio Jacobus

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU

Diretor: Inácio Neutzling, SJ
Diretor-adjunto: Lucas Henrique da Luz
Gerente administrativo: Nestor Pilz

ihu.unisinos.br

Cadernos IHU ideias

Ano XX – Nº 338 – V. 20 – 2022

ISSN 2448-0304 (on-line)

Editor: Prof. Dr. Inácio Neutzling, SJ – Unisinos

Conselho editorial: Bel. Guilherme Tenher Rodrigues; Dra. Cleusa Maria Andreatta; Dr. Lucas Henrique da Luz; Dra. Marilene Maia; Dra. Susana Rocca; Dr. Ricardo de Jesus Machado.

Conselho científico: Adriano Naves de Brito (Unisinos, doutor em Filosofia); Angelica Massuquetti (Unisinos, doutora em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade); Berenice Corsetti (Unisinos, doutora em Educação); Celso Cândido de Azambuja (Unisinos, doutor em Psicologia); César Sanson (UFRN, doutor em Sociologia); Gentil Corazza (UFRGS, doutor em Economia); Suzana Kilpp (Unisinos, doutora em Comunicação).

Projeto Gráfico: Ricardo de Jesus Machado

Responsável técnico: Guilherme Tenher Rodrigues

Imagem da capa: PxHere

Revisão: Pedro Henrique Barbosa de Brito

Editoração: Guilherme Tenher Rodrigues

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos.
– Ano 20. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003- .v. 20.
Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias>>.
Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 19, n. 326 (2021).
ISSN 2448-0304
1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Instituto Humanitas Unisinos – IHU
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo/RS, Brasil

Sobre o mecanismo do terrorismo político-fascista: a violência estocástica da serpente do fascismo

Rudá Ricci e Luís Carlos Petry

RESUMO: O terrorismo estocástico revela mais do que uma mera disputa política. Revela a repetição no decurso histórico, tal como pensou Marx no 18º Brumário, mas sempre de modo trágico e cruel, denunciando os valores em disputa no interior da sociedade. Revela um fascismo societal. Revela uma sociedade adoecida e sedenta de mudança. Revela uma tarefa urgente do porvir que somente pode acontecer pela via do amor, da solidariedade, balançados pela razão dando limites aos impulsos da barbárie fascista.

PALAVRAS-CHAVE: Terrorismo. Política. Democracia. Fascismo.

On the mechanism of political-fascist terrorism: the stochastic violence of the serpent of fascism

Rudá Ricci e Luís Carlos Petry

ABSTRACT: Stochastic terrorism reveals more than a mere political dispute. It reveals repetition in the historical course, as Marx thought in the 18th Brumaire, but always in a tragic and cruel way, denouncing the values in dispute within society. It reveals a societal fascism. It reveals a sick and thirsty society for change. It reveals an urgent task for the future that can only happen through love, solidarity, balanced by reason, giving limits to the impulses of fascist barbarism.

KEYWORDS: Terrorism. Politics. Democracy. Fascism.

Sobre o mecanismo do terrorismo político-fascista: a violência estocástica da serpente do fascismo

Rudá Ricci

Doutor em ciências sociais e presidente do Instituto Cultiva

Luís Carlos Petry

Doutor em comunicação e semiótica, psicanalista, topólogo e professor aposentado pela PUC-SP

INTRODUÇÃO

Norberto Bobbio sugere que o extremismo político seja compreendido como movimento antidemocrático, anti-iluminista e, assim, o oposto da moderação.

Por esta definição ressalta a vocação de todo extremismo à ação, mais que à reflexão. Uma ação como ímpeto, como chamado não necessariamente motivado por um princípio, mas à destruição do oponente.

Assim, todo movimento político extremista possui um foco nítido, facilmente identificável. E, não raro, adota contornos terroristas.

O terrorismo é uma vertente desta motivação desenfreada de negação do contrário ou oponente. Mais uma vez, nos recorreremos à Bobbio para compreender do que se trata ao falarmos de terrorismo. Segundo o autor italiano, se estruturaria como movimento organizado, com ideologia e estratégias bem definidas; organiza ações demonstrativas marcadas pela vingança procurando demonstrar sua capacidade de atingir o centro do poder; e alargar sua escala de ação por meio de um aumento progressivo de atentados.¹

Temos, assim, um rastro, um protocolo do extremismo e do terrorismo: o foco na eliminação de um oponente, o uso sistemático da ameaça ou aplicação da violência contra um alvo declarado e nítido, ação voltada para construção de um clima de desorganização política e imprevisibilidade. Nesse sentido, o atentado é um dos elementos centrais do terror político.

Assim, o terrorismo procura, de um lado, implantar o pânico político, que sempre é paralisante e inibe uma reação enérgica às suas ações; de outro, criar uma energia que empodera os grupos fanáticos terroristas.

Alguns autores sugerem uma distinção entre o terrorismo revolucionário – que emprega o atentado político tópico – e o terrorismo fascista – que assume um caráter indiscriminado para criar medo e incerteza generalizada².

No pensamento clássico de esquerda, o tema sempre foi controverso. Lênin propunha a guerrilha organizada e com envolvimento popular contra a adoção

1 Citado por SEIXAS, Eunice Castro. "Terrorismos": uma exploração conceitual. Revista de Sociologia Política 16 (suppl) • Ago 2008 • <https://doi.org/10.1590/S0104-44782008000300002>

2 BONANATE, L. Terrorismo político. In : Bobbio, N.; Matteucci, N. & Pasquino, G. (orgs.). Dicionário de política. Brasília : UNB, 1986.

da ação direta terrorista, que imputava à orientação anarquista.

Essa digressão inicial nos alicerça para interpretar-mos a série de atentados e assassinatos com motivação política que ocorreram na virada do primeiro para o segundo semestre de 2022.

A sequência é reveladora de nítida intencionalidade. Em junho, o indigenista Bruno Pereira e o jornalista Dom Phillips são assassinados nas imediações da terra indígena Vale do Javari, no Estado de Amazonas. Os assassinatos teriam sido uma retaliação contra as denúncias de pesca ilegal no território indígena que tinham em Bruno Pereira uma das fontes. Desde o início do governo Jair Bolsonaro, ações depredatórias na região amazônica e ataques às populações indígenas foram incentivadas. O então ministro do Meio Ambiente Ricardo Salles chegou a afirmar, em reunião ministerial realizada em 22 de abril de 2020, que seria preciso “ter um esforço nosso aqui, enquanto estamos nesse momento de tranquilidade no aspecto de cobertura de imprensa, porque só se fala de covid, e ir passando a boiada, e mudando todo o regramento (ambiental), e simplificando normas”.

As senhas discursivas governamentais para o estímulo aos atos violentos foram se multiplicando na medida em que se aproximavam as eleições de 2022, formando um ambiente político cada vez mais hostil. Em 16 de junho de 2022, um drone despejou um produto químico em manifestantes que aguardavam a chegada de Lula na cidade mineira de Uberlândia. Algumas semanas depois, em 6 de julho, um tiro atingiu a janela da redação da Folha de São Paulo e, no mesmo dia, um fanático atirou uma bomba caseira em comício

de Lula no Rio de Janeiro. No dia seguinte, o veículo do juiz que mandou prender o ex-ministro da Educação é vandalizado. E chegamos, então, ao assassinato de um dirigente petista que festejava, em lugar fechado, seu aniversário. O assassino adentrou no local da festa atirando e gritando “Aqui é Bolsonaro” e “mito”. Os fatos parecem claramente interligados e tendo como autoria fanáticos alimentados por bolhas extremistas ou “câmaras de eco” que disseminam diariamente o ódio, o racismo e a construção de um mundo paralelo onde a realidade é apresentada como algo nefasto a ser combatido.

Os atos violentos, que caracterizam o início de uma onda terrorista, tiveram, ainda, a motivação governamental explicitada em inúmeras declarações beligerantes do Presidente da República. Em meados de maio de 2022, Jair Bolsonaro incentivou a violência política afirmando que “um tiro só ou uma granadinha mata todo mundo”. No final de maio, em Jataí (GO), simulou um pescoço sendo atacado por um facão.

Em 7 de julho, dois dias antes do assassinato do dirigente petista em Foz do Iguaçu, o Presidente da República, numa *live* semanal em que estimula reações políticas agressivas e radicalizadas aos seus seguidores afirmou: “Você sabe o que está em jogo, e você sabe como deve se preparar (...) nós sabemos o que devemos fazer antes das eleições.”

Entretanto, em nosso país, acontecimentos políticos raramente são percebidos como encadeados. São percebidos como atos isolados, principalmente os de natureza violenta. A cultura popular brasileira dificulta sobremaneira a captura das intenções extremistas

dado que se fia pela ordem, como recentemente revelado pela sequência de pesquisas realizadas em favelas do nosso país³. A ordem social e política garantiria, numa leitura dos trabalhadores marginalizados da política e economia nacionais, a possibilidade do sucesso do esforço individual. Por correspondência, a natureza da disputa política excepcionalmente é percebida como motivada ideologicamente. Estaria marcada pelo signo da ambição econômica dos líderes políticos, por um jogo de intrigas rasteiro, personalizado e tópico.

O mundo da política seria demarcado por relações pessoais, por trocas de favor, ambições pessoais e tramas ardilosas. Esta é a realidade que se depreende de pesquisas sobre o perfil do eleitor médio brasileiro⁴: não há clareza do papel dos cargos públicos que não estejam diretamente vinculados às práticas clientelistas.

Assim, a totalidade dos eventos políticos violentos é percebida em momentos especiais, de alta comoção e atenção nacional, como os processos eleitorais.

Neste início do semestre que desaguará na eleição presidencial de 2022, os atos violentos passaram a se multiplicar e seu encadeamento ficou evidenciado. Há

3 Ver MEIRELLES, Renato & ATHAYDE, Celso. Um país chamado Favela. São Paulo: Editora Gente, 2014.

4 Ver série histórica Estudo Eleitoral Brasileiro (ESEB), survey nacional pós-eleitoral realizado pelo CESOP/Unicmap desde 2002. Ver, ainda, estudos de antropologia política realizados por Moacir Palmeira em municípios rurais brasileiros que sugerem que a prática política é percebida popularmente nos grotões do país como realizada em períodos determinados, como atividade permanente. O período eleitoral seria o tempo da política. Ver PALMEIRA, Moacir & HEREDIA, Beatriz. O voto como adesão. Revista Teoria e Cultura. v. 1 n. 1 (2006), Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – UFJF, disponível em <https://periodicos.ufjf.br/index.php/TeoriaeCultura/article/view/12138> (visualizado em 24 de julho de 2022).

motivações claras e protocolos empregados para motivar as ações em cadeia.

O roteiro deste estímulo ao terrorismo bolsonarista pode ser assim descrito:

a) A origem é a dificuldade para reduzir a diferença pró-Lula nas sondagens de intenção de votos para as eleições de outubro. A diferença, até o final de julho, não era inferior a 10 pontos percentuais. Uma situação incômoda para quem tem a máquina pública federal sob seu comando, mas não tem um partido de massas que o sustente e, pior, viveu o último período tutelado pelos partidos clientelistas que compõem o chamado “Centrão”⁵. A angústia do *staff* de Jair Bolsonaro se tornou pública e as divisões no comando de campanha – envolvendo até mesmo seus filhos Flávio e Carlos Bolsonaro – criaram um sentido de urgência para reverter este quadro político;

b) A crise econômica e a perspectiva de recessão mundial em 2023 afetam, ainda, o timing da campanha bolsonarista. Até o final de 2021, o *staff* de Jair Bolsonaro sugeria que, com o fim das restrições de mobilidade em função da pandemia da Covid-19, poderia ser retomado o crescimento econômico, melhorando

5 O Centrão é formado por 170 a 220 deputados federais de diferentes partidos, que se unem para garantir fluxo de recursos e obras federais para sua base eleitoral, criando uma extensa rede de lealdades políticas com prefeitos e vereadores de localidades, em sua maioria, rurais ou distantes dos grandes centros urbanos, que perfazem, segundo o IBGE, 65% do total de municípios brasileiros. Atualmente, ele é formado por parlamentares do PP (40 deputados), Republicanos (31), Solidariedade (14) e PTB (12). Este núcleo ou bloco político chega a se ampliar em certas votações, incluindo parlamentares do PSD (36 deputados), MDB (34), DEM (28), PROS (10), PSC (9), Avante (7) e Patriota (6).

sobremaneira os indicadores da área;

c) A reação inicial com a aprovação do Estado de Emergência pelo Congresso Nacional e a decorrente ruptura com o teto de gastos primários, totalizando R\$ 41,25 bilhões em auxílios sociais, parece não ter convencido plenamente o governo federal de seu sucesso em termos de reversão do cenário eleitoral em virtude da frustração com o impacto político advindo da adoção do Auxílio Brasil em 2021;

d) Assim, o pêndulo entre o populismo de direita – orientado pelas políticas clientelistas dos partidos congregados no “Centrão” – e discursos e orientações inflamadas, próximos das tradições fascistas vem caracterizando a oscilação política de Jair Bolsonaro nos últimos 18 meses. Na virada do primeiro para o segundo semestre de 2022, parece ter dado uma guinada para o estímulo à sua base social fanática para ações violentas;

e) A base social fanática se articula em uma miríade de agrupamentos organizados, em especial, nas redes sociais. Ao estímulo dos discursos beligerantes de Jair Bolsonaro, repercutem suas hipérboles em câmaras de ressonância, impedindo qualquer reflexão ou argumento contraditório ao proferido pela liderança profética e alimentando o viés de confirmação;

f) Nesses pequenos agrupamentos, a excitação constante e a provocação para enfrentamento da realidade adversa ao bolsonarismo acaba por gerar a urgência para a ação direta, de caráter terrorista, aumentando a probabilidade de ações descoordenadas e solitárias, numa espécie de entrega e testemunho

pessoal de sua crença e empoderamento;

g) A motivação permanente e a excitação fanática alimentam a construção de um mundo paralelo idealizado pelas câmaras de ressonância que interpretam a realidade adversa como fruto da conspiração e sabotagem liderada por correntes de esquerda, corruptos morais e inimigos da liberdade e o sucesso individuais. Estes passam a ser alvos preferenciais do ataque dos fanáticos bolsonaristas.

Os atos terroristas são, então, percebidos como atos heroicos, de abnegados, que procuram barrar o avanço dos corruptores da sociedade e dos bons costumes. Atos de lobos solitários marcados pela solidão e mal-estar sentido e interpretado como descaminho da humanidade que se apresenta inerte, anestesiada e incauta.

Este roteiro vem estimulando a formação do que internacionalmente se denomina “terrorismo estocástico”, tema que será aprofundado mais adiante.

O CHOCAR DO OVO DA SERPENTE: A SOLIDÃO E O HIPERINDIVIDUALISMO DO HOMEM CONTEMPORÂNEO

Quase cem anos após a publicação, na Alemanha, em 1918, do livro de Oswald Spengler (1880-1936) *A decadência do Ocidente*, na América, em 1974, o pesquisador Richard Sennett publica o livro *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. A esta publicação seguem duas outras relacionadas, *Autoridade*, em 1980 e, em 1998, *A corrosão do caráter: o desaparecimen-*

to das virtudes com o novo capitalismo. Entre as obras de Spengler e Sennett existe um curioso enlace que deveria nos chamar a atenção nos tempos atuais, nas portas da segunda década do terceiro milênio.

Enquanto Spengler escreve uma densa obra sobre o processo de decadência da cultura Ocidental, dos gregos até o final do Século XIX, dialogando com autores memoráveis como Heráclito, Hegel, Nietzsche, olhando para a cultura do ponto de vista temático e conceitual, Sennett, na esteira da fenomenologia hermenêutica, como aluno de Hannah Arendt, em um percurso de formação através da sociologia da escola de Frankfurt, de Durkheim a Adorno e Freud, descreve as peculiaridades das transformações do capitalismo no Século XX, em sua estrutura neoliberal, que incide diretamente sobre as agruras e esperanças do homem ordinário.

Existe uma conjunção de três aspectos no esquadriçamento entre Spengler e Sennett. Em primeiro lugar, com Spengler a filosofia e a história visitam a coalescência da cultura Ocidental, a qual, do ponto de vista tanto social, econômico e das relações de trabalho, vinha sendo gestada desde a Revolução Francesa. Em segundo, a partir desse ponto, Sennett é feliz em mostrar as transformações que se processam no capitalismo e nas relações de trabalho e que conduzem a modificações fundamentais da estrutura subjetiva do homem ordinário, as quais incidem sobre aspectos emocionais, comunitários, nas relações de trabalho, nas amizades, na ruptura entre pais e filhos, produzindo um fosso entre gerações e, finalmente, construindo a nova estrutura psíquica de resiliência no novo capitalismo, o neoliberalismo. O terceiro, e não menos importante, resultado

do caminho realizado pelos dois primeiros, consiste na atomização do sujeito contemporâneo em um processo acelerado nos últimos cinquenta anos, o que culmina na ideia de que devemos ter sucesso e que temos de levar vantagem, chegando a proposta neoliberal da constante e replicada inovação, para finalmente culminar na proposta socioeconômica do empreendedorismo, no qual cada cidadão se transforma em uma empresa de si mesmo, o que irônica e criticamente tem sido indicada como a *uberização da vida e das relações humanas*⁶. Nesse sentido, demanda-se ao humano do Século XXI ser resilientemente autônomo em todas as esferas de sua vida⁷.

*

É nesse sentido que Richard Sennett abre seu livro *O declínio do homem público*, com uma reflexão que já havia sido objeto de discussão por Oswald Spengler (1880-1936), em 1918, com o livro *A decadência do Ocidente*. Escreve ele:

Os tempos modernos são frequentemente comparados aos anos em que o Império Romano entrou em decadência. Assim como se supõe que a podridão moral enfraqueceu o poder em Roma para governar o Ocidente, diz-se que enfraqueceu o poder do Ocidente para governar o globo. Por mais tola que seja esta ideia, ela contém um elemento de verdade. Há como que um paralelo entre a crise da sociedade romana após a morte de Augusto e a vida nos dias atuais, no que diz respeito

6 No que tange a uberização das relações humanas, isso já havia sido descrito por Aldous Huxley, em seu livro *Admirável mundo novo*, no qual todas as relações sexuais e afetivas somente podem persistir por um único dia, na equação: você é obrigado a dormir (transar) com um parceiro diferente a cada dia que passa e não é autorizado o desejo e o amor por alguém.

7 Esta também é a constatação de Adorno (2012: 187), em seus *Ensaio sobre psicologia social e psicanálise*. São Paulo. UNESP.

ao equilíbrio entre a vida pública e a vida privada.

Para Sennett (2012), os laços comunitários podem funcionar como um antídoto para os males do hiperindividualismo e a fragmentação do homem contemporâneo. Em uma pesquisa longitudinal, Sennett investiga o *desaparecimento das virtudes* dentro do *novo capitalismo*, isso através do acompanhamento de grupos de trabalho e de casos individuais.

Sennett investiga o desaparecimento de virtudes que tinham como consequência o fortalecimento dos laços sociais, comunitários e das relações de trabalhos que organizavam a vida em sociedade até então. Algumas dessas virtudes são, por exemplo, o enfraquecimento da associação comunitária com o seu correspondente afrouxamento de laços entre os sujeitos, o que não somente torna a vida no bairro e nos grandes condomínios o exercício de um anonimato e isolamento no viver, mas que também incide no enfraquecimento das relações de trabalho, e nas associações de classe e na luta pelos seus direitos. Com isso, durante o Século XX, cada vez mais decresce o sentimento de pertença, contribuindo para o afrouxamento das relações e interações nos grupos de trabalho, associações de classe e nas microcomunidades, locais e residenciais, de vizinhança. Estes fatores incidiram em uma diminuição da solidariedade e da empatia, fazendo com que o sujeito contemporâneo permaneça impassível diante dos noticiários que veiculam tragédias e notícias escandalosas e, de certo modo, as assistindo como um espetáculo. A vida e a opinião pública se transformam, resultando em um atomismo que conduz a não participação e o isolamento, comunitário, político e, principalmente,

emocional.

É dessa forma que o sujeito contemporâneo, seja qual for a sua idade, sexo ou identidade, é conduzido a uma posição atomista na qual ele necessita ser resiliente ao extremo, bem como apresenta um acentuado deapaperamento psicológico (Adorno, 2012: 187).

É possível sugerir que a sociedade das multidões, característica do Século XX a partir da concentração populacional nos espaços urbanos, foi superada pela lógica comunitarista deste início de século XXI.

Há algo de estranhamento na convivência social que gera uma profunda solidão em meio às redes de informação. Muitos autores retrataram este paradoxo da solidão em meio à miríade de redes em que cada um de nós se vincula e à facilidade de comunicação. Trata-se de um verdadeiro mosaico em que cada parte forma uma mônada que não se articula naturalmente com as outras peças que compõem o cenário social.

Anthony Giddens já havia sugerido que nunca cada indivíduo foi instado tão intensamente a decidir sobre tudo tantas vezes num mesmo dia. O sociólogo inglês sugere que vivemos, desde o final do século passado, em uma “sociedade reflexiva”⁸ em que a sociedade industrializada estaria sendo substituída por outra modernidade, gerando inseguranças e escapes individuais dos controles institucionais vigentes. Giddens teoriza sobre o que denomina de “autoconfrontação com os efeitos da sociedade de risco”⁹.

Por seu turno, o filósofo Byung-Chul Han analisa o cansaço que se abate sobre cada um de nós em função

8 GIDDENS, Anthony et all. Modernização Reflexiva. São Paulo: Editora UNESP, 1997.

9 Idem, ibidem, p. 16.

da exigência pessoal do desempenho individual numa organização social não apenas competitiva, mas atomizada. As amplas identidades profissionais e de classe, antes conformadas em espaços de trabalho plasmadas em grandes plantas industriais, dão lugar à uberização ou serviços autônomos acionados por aplicativos para celular ou teletrabalho.

No Brasil, Marcos Nobre sugere a emergência da “democracia digital”, se referindo à lógica dos algoritmos, seus usos e abusos políticos, mas, também, à aplicação da metapolítica – a manipulação da leitura do cenário político sem citar diretamente a política, direcionando gostos sobre vestuário, artes e entretenimento para comentários indiretos sobre lideranças e ideologias – e a formação de coletivos e “bolhas”. Nobre identifica nessa nova dinâmica a formação de oligopólios de agregação de opiniões¹⁰.

A nova dinâmica política privilegia o alto engajamento de uma parcela dos internautas. É este engajamento que dará lugar às “bolhas” de extrema-direita nos EUA que se repetirão no Brasil. Michele Prado sustenta que essas bolhas estadunidenses alimentaram uma nova onda de extrema-direita (a onda anterior ocorreu entre 1955 e 1980, protagonizada pelo discurso macarthista e que se materializou no final dos anos 1960, na formação de partidos libertarianos de extrema-direita, como o Partido Independente Americano e, na Europa, no Front National e Progress)¹¹.

10 NOBRE, Marcos. Limites da Democracia. São Paulo: Todavia, 2022. No segundo capítulo deste livro, Nobre cita David Karpf, autor que identifica o deslocamento do foco da mobilização para a persuasão política a partir da emergência das redes sociais, e Markus Prior, que percebe a cisão dos internautas em desengajados – focados apenas em entretenimentos oferecidos pelas novas mídias – e hiperengajados.

11 PRADO, Michele. Tempestade Ideológica. São Paulo: Lux, 2021.

Trata-se da emergência de uma lógica fascista, mobilizadora e popular, de tipo novo, alicerçada na manipulação de perfis capturados pelos algoritmos, uma potente base de dados que traça desejos e preferências de internautas ou usuários de smartphones para fins de indução e estímulos políticos.

OS MECANISMOS DE CONSTITUIÇÃO DAS MASSAS

O entendimento da organização, mecanismo e funcionamento das massas fascistas foi-nos delineado inicialmente por Freud (1920), posteriormente situado por Reich (1933) em seus aspectos sociológicos e da repressão sexual e, finalmente, estabelecido como um estudo de sociologia psicanalítica por Adorno, na coletânea de textos publicados no livro *Ensaio de psicologia social e psicanálise*.

Em seu livro *A psicologia das massas e a análise do Eu*, Freud se dedica a pensar o mecanismo de formação de uma massa¹². Freud parte de uma discussão dos consagrados autores que trataram do tema antes dele, principalmente o psicólogo francês Gustave Le Bon (1841-1931) que, em 1895, publica um livro intitulado *Psicologia das massas*¹³. Mas não são somente os psicólogos, psicanalistas e sociólogos que irão se interessar pelas *massas*, seu mecanismo e funcionamento. Personagens centrais do pensamento de extrema-direita, do fascismo, como Benedito Mussolini, estudaram o tema,

12 O trabalho de Freud neste livro, no qual ele mostra a complexidade do fenômeno de massa e como o sujeito individual sucumbe nele, é exemplar. Recomendamos a sua leitura, pois no presente artigo somente poderemos, por questão de economia, apresentar alguns aspectos dele.

13 Derivado do termo francês *faules*, o qual designa tanto massa como multidão, usaremos a tradução de massa, pois ela se consagrou a partir da publicação de Freud, em 1920.

especialmente a obra de Le Bon. Assim, em uma entrevista, em 1926, o líder do fascismo italiano fala de seu interesse e estudo do livro de Le Bon, dizendo: “Li toda a obra de Gustave Le Bon; e não sei quantas vezes reli sua *Psicologia das Multidões*. É uma obra capital, à qual volto muitas vezes, ainda hoje.”¹⁴

O trabalho de Le Bon é um clássico e se concentra nos aspectos descritos das massas e em características destas em contraposição aos seus líderes. O psicólogo francês irá descrever tipos diferenciados e situações de massas, como massas heterogêneas e homogêneas, massas de criminosos, massas de jurados penais, massas eleitorais e massas formadas por assembleias parlamentares. Além disso ele irá descrever os condutores ou líderes das massas e suas características principais, bem como tratar dos mecanismos de formação como discursos afirmativos, a repetição temático-discursiva e o fenômeno complexo da sugestão e do contágio.

Freud seguirá a pesquisa sobre o tema das massas, principalmente investigando os mais profundos elementos da alma humana presentes na formação de uma massa e seu mecanismo de funcionamento. Diferentemente de Le Bon, que tomava as massas como um todo orgânico, Freud irá voltar sua atenção para a psique do sujeito individual que ingressa em uma massa e o como este fenômeno se processa. É claro que Freud irá também voltar a sua atenção para massas, ao mesmo tempo standard e usuais, como a Igreja e o Exército, mas o nosso interesse na abordagem da psicanálise situa-se especificamente na delimitação da chamada

14 Bosc, Olivier. (2010). Gustave Le Bon, um mito do século XX?, In: Mil novecentos. Revisão de História Intelectual, 2010/1 (nº 28), p. 101-120., disponível em: <https://www.cairn.info/revue-mil-neuf-cent-2010-1-page-101.htm>.

massa fascista, uma formação de massa que tem sua estrutura de funcionamento e existência mantidas ao redor de um núcleo ideológico. Seu surgimento ou formação, sua ação e mecanismos são fundamentais para o entendimento dos dias atuais na realidade brasileira.

Freud nos mostra que em qualquer grupo social que estejamos participando, seja o familiar, o da escola, do clube, o do trabalho e, inclusive, um grupo nas redes digitais, estão em funcionamento aspectos fundamentais e basilares da alma humana, os quais o psicanalista designa como afetivos. Esta estrutura afetiva é formada por dois processos psicológicos, os quais são norteadores de todo desenvolvimento e vida humanos. São eles o *processo de identificação* e a *escolha de objeto afetivo-erótico*.

Os estudos psicanalíticos de Freud o levaram a verificar que o ser humano se desenvolve ao redor desses dois processos. Desde o nascimento, em uma posição *anaclítica*¹⁵, o bebê rumo ao desenvolvimento na primeira infância se defronta com uma tarefa com duas vertentes. A Mãe, figurada inicialmente pelo Seio-materno, é o primeiro objeto de amor, afetividade e subsistência do bebê.

O menino, nos diz Freud (1931) irá desenvolver um caminho ligado a objetos afetivos, amorosos e eróticos, com maior ou menos inibição de suas metas se-

15 Posição anaclítica: este é um termo técnico na psicanálise de Freud. Ela designa um estado de absoluta dependência de um ser humano face a outro. Ainda que possamos falar do doente acamado que depende dos familiares, dos enfermeiros e médicos, Freud o situa no desenvolvimento humano, na posição de absoluta dependência do bebê e criança pequena junto a seus pais. Estaremos tratando aqui, por questões de economia, do processo de desenvolvimento, tomando como modelo o desenvolvimento do menino e não da menina, o qual tem aspectos semelhantes e outros diversos e sendo muito mais complexo.

xuais, por toda a sua vida. Assim, da Mãe, o interesse e o amor do menino passam para a irmã (quando houver), as tias, as amiguinhas na escola, as professoras, as namoradas na adolescência para, finalmente, depositar os seus desejos eróticos e o seu amor na mulher amada. Durante toda a nossa vida humana estamos às voltas com diferentes versões e potências desse primordial objeto.

E será através dele que primeiramente o bebê organiza as suas pontes de relação com o recém-descoberto mundo exterior e o social – para o bebê, o mundo se organiza ao redor do Seio e, junto a ele, progressivamente a criança descobre a presença do Pai e dos demais familiares. Junto a isso e, quase que coetâneo, a criança desenvolve um crescente interesse pelo mundo que a cerca. Então ela encontra o Pai e/ou seu representante, percebendo que a mãe manifesta igualmente um grande interesse e afeto por ele. Em um complexo processo, a criança vem a se identificar com o Pai, isto na perspectiva de um *vir a Ser como ele*, inicialmente e, posteriormente, a *vir a substituí-lo*. A Mãe, por outro lado, entra na categoria psíquica do *Ter*.

Freud designou esta primeira identificação com o título *identificação com o Pai*. Ele ainda nos ensinou que outros dois tipos de identificação vão existir na vida do ser humano, isto de modo eventual, dependendo do contexto, sendo por isso, aleatórias¹⁶.

16 A questão do contexto é fundamental, pois sua estrutura nos é dada pela combinação de dois aspectos matemáticos: a aleatoriedade e a contextualidade, as quais participam da teoria das probabilidades, da teoria dos jogos e dos processos estocásticos. Do ponto de vista da aleatoriedade, sabemos que um cenário que se forma, mesmo sendo esperado, somente é reificado a partir de uma estrutura complexa de múltipla causalidade. Mas mesmo assim, o contexto no qual algo é esperado se dá sempre a partir de outros elementos que constituem o próprio contexto e jamais a partir de

O segundo tipo histórico de identificação descoberto por Freud foi chamado por ele de *identificação com um traço*. Freud descobre este tipo de identificação na clínica, quando observa que alguns pacientes desenvolvem traços e/ou tiques que na realidade são incorporados a partir de seu objeto afetivo-erótico. Nesse caso, nos diz que o sujeito incorpora o objeto em seu Eu e se identifica com um aspecto dele, um traço que funciona como um índice do objeto amado e de sua relação com ele. Muitos de nossos traços de comportamentos e trejeitos e mesmo nosso estilo de ser são derivados de várias identificações parciais (com um traço) no decorrer de nossa vida. É ele que empresta a força para vestirmos uma fantasia de nosso herói preferido na infância, o estilo de se vestir, o corte de cabelo ou mesmo os hábitos, que tomamos *emprestados* de uma personagem que admiramos e, finalmente, daquele que seguimos como nosso, digamos, *líder*. Analisando o trabalho que realizou Freud, do ponto de vista de uma sociologia psicanalítica, podemos dizer que a identificação com um traço se constitui em um tipo de *identificação vertical descendente*, isto porque ela deriva do outro, o qual é colocado por nós em uma condição de potência.

Chegamos ao terceiro tipo histórico, o qual mencionamos de chamar de *identificação solidária*, a qual possui alguns pontos de contato com o conceito de *solidariedade mecânica*, proposta pelo antropólogo francês, David Émile Durkheim (1858-1917). Freud descobre este tipo de identificação nos processos sociais de uma regra fixa. A teoria matemática por trás dessa estrutura de desenvolvimento nos é fornecida pelos trabalhos dos matemáticos intuicionistas, a teoria do continuum do matemático holandês Juitzen Egbertus Jan Brouwer (1181-1966) (https://pt.wikipedia.org/wiki/Luitzen_Egbertus_Jan_Brouwer) e das cadeias de Markov, do matemático russo Andrei Andreyevich Markov (1856-1922) (https://pt.wikipedia.org/wiki/Cadeias_de_Markov).

vivência humana. Este processo de identificação implica em ações de moções e desejos inconscientes, os quais abrem a porta do *inconsciente transindividual*, que nos atravessa nas relações sociais. Ele se dá quando inconscientemente captamos em nossos semelhantes formações de desejo que nos são análogas ou quando enfrentamos situações conjuntas e desempenhamos de forma espontânea, como que automática, comportamentos coordenados com nossos semelhantes. Aqui estamos no plano de uma *identificação horizontal e solidária*.

Dada esta complexa estrutura de *escolha de objeto e identificação*, Freud acrescenta a hipótese de que uma massa possui um funcionamento semelhante a dois processos, o primeiro deles, o do enamoramento, ou apaixonamento e, o segundo, o modelo da hipnose. Sinteticamente, o psicanalista nos mostra que em uma situação de apaixonamento ficamos obcecados pelo objeto de nosso amor. É nesse estágio do amor que o objeto amado adquire proporções dantescas fazendo que o orbitemos como um astro maior. Neste caso, o objeto amoroso, idealizado, atravessa as instâncias psíquicas do Sujeito e se instala dentro dele, remodelando o seu Eu, isso das mais diversas formas e com as mais diversificadas consequências. Mas Freud descobre que a situação do processo hipnótico se assemelha em muito com o enamoramento, com duas diferenças fundamentais. Na hipnose, o sujeito se torna livre de sua consciência. Mas, por outro lado, ele se torna dependente do mestre-hipnotizador, o qual se instala no psiquismo do hipnotizado, como uma espécie de Eu dominador¹⁷.

17 Freud diz que o Eu do hipnotizador entra no sujeito hipnotizado, atravessa seu Eu e se instala no seu Ideal do Eu (o SuperEu). "O hipnotizador é o único objeto; nenhum outro será considerado ao lado dele" (Freud, 1920: 147). O Eu do sujeito vive

Se, por um lado, o sujeito está à mercê e controle do hipnotizador, a grande diferença em relação ao apaixonamento é que a aderência e encantamento do sujeito com seu mestre-objeto-hipnotizador reside no fato de que o investimento afetivo, que é responsável pela subordinação inconsciente, consiste em uma relação de objeto na qual as suas metas finais eróticas estão inibidas, enquanto no processo de apaixonamento, não o estão (podendo momentaneamente estar adiadas).

Freud nos dirá que a diferença entre uma massa e uma hipnose reside unicamente no fato de que uma hipnose é uma massa-a-dois. E aqui se encontra a passagem para a compreensão das massas em uma sociologia psicanalítica. Uma massa se forma pela ação conjunta dos sujeitos individuais, de uma escolha de objeto afetivo, no qual suas metas erótico-sexuais estão inibidas. O alvo da escolha de objeto do vínculo afetivo é o líder da massa, no caso pensado, o líder político. Em um segundo passo, aos se relacionarem, ao mesmo tempo os sujeitos da massa se identificam com seu líder e, assim, absorvem dele determinados traços psíquicos, de comportamentos, de hábitos e, ideias dele, coisa que é levada à cabo através do mecanismo do segundo tipo de identificação colocado por Freud, então, oniricamente, no estado hipnótico, aquilo que o mestre hipnotizador lhe demanda. No caso, na relação do sujeito com a realidade, a qual é suspensa no estado hipnótico, o Eu tende a tomar uma percepção como real. E a estrutura da hipnose se baseia em investimentos pulsionais inibidos: "A ausência total de anseios com metas sexuais desinibidas contribui ainda mais para a extrema pureza dos fenômenos" (Freud, 1920: 147). Na homologia entre ambas, se pode colocar que a relação hipnótica é uma entrega apaixonada e sem restrições, por parte do sujeito hipnotizado, tal como no enamoramento. A diferença corre por conta de que, por um lado, na hipnose temos a exclusão da satisfação sexual, enquanto no enamoramento ela é "postergada apenas por algum tempo e permanece em segundo plano como uma possível meta posterior" (Freud, 1920: 147).

a identificação com um traço – o qual situamos como uma *identificação vertical*. Então, em dado momento, os sujeitos identificados com o líder vêm a se encontrar e se reunir, seja em uma massa orgânica na polis, em um evento social, seja em agrupamentos sociais nas redes sociais digitais, as quais os sociólogos chamam de bolhas digitais. Neste momento, via a identificação de cada um, mesmo por diferentes traços eleitos, em relação ao líder, os sujeitos começam a desenvolver comportamentos cooperativos e coordenados, isso dentro do esquema acima situado da *identificação horizontal solidária*.

Temos assim os elementos básicos de uma massa: os sujeitos se unem entre si e desenvolvem comportamentos coordenados, os quais estão referenciados à sua ligação emocional com o líder da massa. Nesse momento, as massas podem ser manipuladas e conduzidas a se comportar como, por exemplo, uma *turba*, a qual se manifesta em função de um estado de agitação psíquica e comportamental e por meio de um ou mais agitadores, como veremos adiante. A *turba*, como uma massa de características políticas e violenta, não se forma de modo espontâneo e fácil.

Ao escrever o seu livro, *Le Bon* estava com seus olhos voltados para os acontecimentos de sua época. Participou como oficial médico na *Guerra Franco-prusiana* (1870-1871). Ao final, ele vivia em Paris quando presenciou os acontecimentos da *Comuna de Paris*, em 1871¹⁸. Estes dois acontecimentos levam *Le Bon* a olhar para as manifestações de massa de modo crítico 18 No Livro III, Capítulo II, sobre as massas criminosas, *Le Bon* manifesta sua discordância com a *Comuna de Paris*, observando que neste período os vários movimentos de massa da época apresentavam sistemas de pensamento rudimentares e facilmente conduziam a atrocidades.

e depreciador. Já Freud, ao escrever o seu livro sobre as massas e publicá-lo em 1920, tem em sua esteira de vida os mesmos e anteriores eventos que vivenciou Le Bon, acrescidos da *Primeira Grande Guerra Mundial* (1914-1918) e a profunda crise social e econômica na qual sucumbem Alemanha, Áustria e Hungria, em função do desastroso *Tratado de Versalhes* (1919), o qual igualmente foi um dos responsáveis da ascensão dos movimentos de extrema-direita na Europa, principalmente o nazismo, na Alemanha, e o fascismo, na Itália.

AS CONDIÇÕES PARA A CONSTITUIÇÃO DA MASSA

Para se entender o funcionamento das massas no fascismo e seus derivados, é importante visualizar as suas características intrínsecas. Para tanto, organizamos a apresentação dos seguintes pontos: *circunstancialismo*, *paixão* e *sugestão*, *impulsividade* e *imaginação*, suas características e seu desenvolvimento.

Observamos que o sujeito particular se dilui dentro da massa formada por muitos em uma unidade. Este fenômeno produz no indivíduo a sensação de pertencimento a uma unidade, a qual é progressivamente dotada, cada vez mais, de um poder psíquico motivador e de potência. Como mostra Freud, tal situação tem como resultado um abrandamento das inibições morais, as quais, no movimento da massa, são progressivamente diluídas. Na massa, o homem ordinário facilmente tem a sensação de que é capaz de realizar ações orquestradas coletiva e inconscientemente que jamais realizaria individualmente. Esta situação nos leva a constatação da *autonomização* da massa frente aos sujeitos individuais e ao coletivo social.

A partir desse estado de diluição e união dentro da massa, os sujeitos se tornam afeitos ao *contágio*. Isso significa que as emoções desenvolvidas por um de seus membros podem desencadear uma onda de contágio na massa, dentro de um fenômeno de solidariedade intrínseca, o qual foi pensado por Freud (1920) como o mecanismo social da *identificação solidária*, podendo ser produzida entre os inconscientes dos sujeitos de modo *transindividual*.

Finalmente, temos uma segunda característica ou propriedade da massa, como a contraface do anterior, a qual corresponde ao seu alto grau de *sugestionabilidade*. Assim, quando um indivíduo ingressa em uma massa, tanto a sua censura ético-lógico-moral é inibida, e ele também se vê na condição de que sua consciência pessoal e individual tende a desaparecer e se integrar no *corpus orgânico* da massa. Ao analisar este fenômeno, Freud descobriu que o indivíduo, quando ingressa na massa, entra em um estado de hipnose coletiva compartilhada, no qual ele troca as suas próprias paixões pelas do coletivo massa que podem, inclusive, atentar para os próprios sujeitos individualmente¹⁹.

19 Entre o transindividual e a sugestionabilidade encontramos os fenômenos das massas eleitorais. As massas eleitorais podem ser estimuladas e persuadidas a realizarem alguma ação dentro de um programa político e, com isso, chegar a votar em um candidato. Para tanto, inicialmente é necessário que o candidato (potencial líder) seja alguém que tenha prestígio: “o prestígio pessoal só pode ser substituído pela fortuna. Talento e até mesmo genialidade não são elementos importantes para o sucesso” (Le Bon, 1895: 162). Isso significa que o candidato deve ser capaz de se afirmar para seu eleitorado de alguma forma e sem discussão. Temos aqui um elemento interessante que é descoberto por Le Bon: a dificuldade de membros de um dado grupo ou classe (campeiros ou trabalhadores) de elegerem alguém de dentro do próprio grupo. Para que isso venha a acontecer, o membro do grupo deve ter alcançado um alto grau de prestígio. Como foi o caso, no Brasil, de Luís Inácio Lula da Silva, o qual provém da classe do trabalhadores da indústria mecânica e automobilística: um trabalhador como milhões

Outro importante aspecto participante do mecanismo desse tipo de massa é o incentivo do narcisismo do sujeito no interior da massa. Os membros da massa são sensíveis à bajulação e desejam ouvir promessas do líder, mesmo que sejam estapafúrdias e jamais venham algum dia a ser realizadas. No caso, o essencial é o gozo psíquico que pode ser produzido com o binômio *bajulação-promessa*. Com isso, um líder, como candidato, edifica os membros da massa e assume a aparência de que está falando para cada sujeito da massa individualmente, quando na realidade produz um discurso generalizado e que, se fosse analisado por um sujeito individual e de forma racional, viria a ser considerado ilógico e impossível. A estrutura de *bajulação-promessa* tem como resultado a formação de uma *identidade da massa*²⁰. Assim, a coletividade da massa constrói narcisicamente um *sujeito coletivo* que é potencializado e diferenciado dos demais sujeitos, ou seja, principalmente daqueles sujeitos que estão fora da massa. Mas este aspecto somente pode funcionar adequada e plenamente quando ele está organizado em um binômio estruturado na base da diferença e oposição.

Mas essa ação conjunta é realizada pelos processos de *edificação da massa* e *demonização do adversário*, os quais devem ser realizados através de ações afirmativas por parte do líder, afirmações as quais se transformam em *palavras* e *imagens que são signos chaves*, os quais tem a função de funcionar como um *lema* e que *possuem um efeito mágico* sobre os indivíduos da massa,

de trabalhadores.

20 Este efeito da formação da identidade de massa se verifica quando um sujeito diz para o outro, se diferenciando do interlocutor, dizendo: Eu sou Bolsonaro! Ou, em contrapartida, podendo dizer: Eu sou Lula!, Eu sou Ciro!, etc. O sujeito não diz: Eu sou Eu, mas sim que Eu sou outro, sou através do outro (o líder).

individualmente e em graus variáveis. Como uma sentença curta e aberta a interpretações, o lema tem a finalidade de se encaixar em várias situações e produzir efeitos continuados nos sujeitos da massa, os obsediar e lhes indicar um rumo imaginário a ser seguido.

*

O texto de Freud *A psicologia das massas e a análise do Eu* é publicado em 1920, treze antes da ascensão do nazismo, com a chegada ao poder de Adolf Hitler, e apresenta uma espécie de antecipação histórica do problema do nazifascismo²¹. Após o trabalho de Freud de 1920, três importantes trabalhos se sucederam. Inicialmente, *A psicologia das massas do fascismo* (1933), de Wilhelm Reich (1897-1957), a *Anatomia da destrutividade humana* (1973), de Erich Fromm (1900-1980) e os trabalhos de sociologia psicanalítica de Theodor Adorno (1903-1969), que vão desde a sua tese de livre docência, passando pelas pesquisas e produções com Max Horkheimer (1895-1973) sobre a *personalidade*, até chegarmos nos seus vários escritos sobre sociologia psicanalítica. E é justamente com o trabalho realizado por Adorno que o esclarecimento das estruturas e mecanismo de funcionamento do fascismo como massa são possíveis.

Dessa forma, em um caráter descritivo da análise das massas encontramos dois elementos importantes, ambos trazidos por Adorno (2012: 154). São eles o *incitador* e o outro a *turba*. Uma *turba* é definida com uma multidão em movimento e desordem, potencialmente

21 Esta é a opinião de Adorno e outros. Além disso, já tivemos a oportunidade de trabalhar sinteticamente a dimensão do fascismo de massa em um opúsculo: Petry, Luís Carlos & Ricci, Rudá. (2022). O fascismo de massa. Curitiba. Editora Kotter.

tumultuadora e propensa a ações violentas²². Já o *incitador da turba* e da *massa* na concepção de Adorno envolve um pretensão líder, podendo ser mais ou menos permanente. Ele utiliza o termo *incitador da turba* para descrever o promotor local de uma atmosfera de agressividade emocional e irracional, dentro do estilo de conduta desenvolvido pelos líderes fascistas. Já a turba, como uma multidão propensa a violência despropositada; ela se constitui no foco pretendido do *incitador (agitador)* o qual, como um representante local do líder fascista, metodicamente se dirige a elas de modo discursivo. Nesse sentido, a turba é um *tipo especial de massa* que se engaja em ações violentas, incitada por um agitador ou, pelo próprio líder²³.

Nos enganamos quando supomos que o surgimento de uma turba e seu eventual agitador surjam de modo aleatório e despropositado, dentro de um discurso normalizador que fala das *massas cegas* e despropositadas. Ao olharmos mais atentamente aos movimentos sócio-políticos desenvolvidos desde os inícios do Século XX, descobrimos que o mecanismo de seu funcionamento é ligeiramente diferente daquele ingenuamente propagado²⁴.

Assim, observamos que um líder da massa ou tur-

22 Ela pode ser formada por um pequeno grupo de sujeitos ou mesmo por um gigantesco grupo de pessoas em movimento.

23 Consideramos esta distinção importante, pois ela nos permite descrever fenomenologicamente as várias configurações que um fenômeno de massa pode desenvolver, pois além das duas massas artificiais descritas por Freud, como a Igreja e o Exército, podemos acrescer as configurações delimitadas por Le Bon, entre massas heterogêneas e massas homogêneas, além da caracterização de tipos de massas, como massa de criminosos, massa de jurados penais, massas de eleitores e a identificação de uma assembleia de parlamentares como uma massa.

24 Como no caso da ascensão do nazismo e fascismo na década de 1930, no Século XX.

ba sempre é um sujeito que age de forma sistemática e que segue um padrão de dispositivos, inclusive discursivos, claramente delineados. Adorno encontra uma homologia entre os vários líderes e agitadores²⁵, notórios e grandes como, por exemplo, Adolf Hitler, e “os pequenos incitadores de ódio provincianos” (Adorno, 2012: 154), que podem ser verificados nas suas discursividades locais.

Em relação às estruturas discursivas dos líderes e incitadores da massa, que buscam ativar ações de turbas internas ao fenômeno de massa, o objetivo do agitador é o de transformar as pessoas em uma massa, em uma turba que exerça a violência. Nesse sentido, pensar que esse fenômeno se produz de forma espontânea é uma ingenuidade, pois o sujeito que se engaja na função de agitador age de acordo com dispositivos e objetivos claramente delineados, os quais têm como meta incitar as massas por intermédio de ações violentas contra os princípios e a existência da democracia. Eles se constituem então em *agitadores antidemocráticos* ou, mais especificamente, em *agitadores fascistas*²⁶.

Como estratégia discursivo-política, os líderes e agitadores fascistas são mecanicamente dados a infinitas repetições cíclicas em monotemas que designam uma estrutura de pensamento fixado em monoma-

25 Neste caso, um líder fascista sempre será um tipo que também tem características de agitador, mas nem todos os agitadores pontuais de uma massa-turba se constituem em líderes, mas sim podem vir a mimetizar seu comportamento e discurso.

26 No caso temos exemplos históricos modelares, como a campanha de Goebbels, em 1933, ligada ao Programa do Esclarecimento Popular, que promoveu o “processo de sincronização da cultura”, o qual culminou na cura do “espírito alemão”, através da queima dos livros considerados degenerados. Qualquer semelhança com os atuais eventos promovidos pela ala ultraconservadora, evangélica e bolsonarista, não é mera coincidência.

nias²⁷.

A posição do sujeito na massa é então a de subordinação ao líder, tendo como paradigma a submissão anaclítica da criança diante dos pais, anteriormente descrita. Se no caso da criança tal situação se constitui em um estágio normativo do desenvolvimento psíquico, no do adulto da massa ela comporta em uma regressão, a qual sempre apresentará aspectos sintéticos, estereotipados e caricaturados.

Mas o processo de sugestão social, que busca a produção de um *contágio* solidário, também incide sobre as recomendações normativas para o homem contemporâneo. Assim, os contemporâneos sujeitos das massas contemporâneas são indivíduos que foram criados na evolução da sociedade capitalista que culmina em uma sociedade neoliberal. Eles são orientados de acordo com princípios individualistas e sugestionados publicamente a “se manterem como unidades independentes e autossustentadas”; devem ser fortes, esforçados e podem progredir pelos méritos próprios (meritocracia), tal como colocamos anteriormente quando mostramos as pesquisas de Sennett. Enfim, eles devem ser absolutamente resilientes. Mas, ao mesmo tempo que são advertidos a serem resilientemente independentes e robustos, eles são motivados pela discursividade fascista, como e enquanto massa, a regredirem a estágios e padrões de comportamento que contradizem o seu próprio desenvolvimento educacional e ético em uma

27 Estas monomanias se fixam ao redor de temas ligados a pautas racistas, eugênicas e morais, como a liberdade absoluta do sujeito individual, superioridades da elite branca e homofobias, as quais estas últimas residem dentro de problemáticas de cunho sexista inconsciente. Neste sentido, Adorno (2012: 156) levanta a hipótese do parentesco desse sistema enunciativo desenvolvido pelos sujeitos autoritários com a paranoia.

sociedade tecnológica e esclarecida (Adorno, 2012: 159).

OS DISPARADORES PSÍQUICOS

Apresentamos a organização de uma massa para, então, situar o mecanismo e funcionamento dos *disparadores psíquicos* e a sua relação com o comportamento das massas, a emergência de turbas e as manifestações atomizadas de sujeitos participantes de massas de extrema-direita. A proposta de um conceito de disparador psíquico designa um conteúdo comunicacional, de ordem discursiva, seja imagem, texto, áudio ou mesmo um conjugado dos três, construído e transmitido com a finalidade de incitar as massas e seus indivíduos a uma ação determinada e violenta.

Freud (1898-1901), ao analisar o *esquecimento de nomes próprios*, mostrou que elementos discursivos temáticos em uma conversa entre duas pessoas poderiam acionar o mecanismo do esquecimento como um comportamento reativo e substitutivo ao recalque do nome próprio e de pensamentos inconscientes dolorosos associados. Da mesma forma, ao analisar lapsos e atos falhos na vida cotidiana, o psicanalista mostrará que determinados pensamentos angustiantes são capazes de desviar o curso da ação do sujeito e produzir ações de comportamentos falhos no sujeito²⁸.

28 De fato, a possibilidade de encontrarmos fenômenos comunicacionais de massa que possam funcionar como disparadores psíquicos (ou desencadeantes) de ações de massa ou de violência atomizada, remonta ao trabalho de Freud na detecção dos fatores e eventos precipitantes (tomados como causas situacionais), tanto das crises neuróticas como psicóticas. A discussão vem desde os trabalhos iniciais que conduzem aos Estudos sobre a histeria (1905), nas neuroses fóbicas e os disparadores para o despertar nos sonhos, em A interpretação dos sonhos (1900) etc. É importante frisar que Freud não trabalha com o conceito de monocausalidade, mas sim

Um disparador psíquico pode então funcionar como um fator ou fenômeno precipitante para um dado comportamento de um sujeito ou de uma massa²⁹. As condições para se identificar estes disparadores são:

[1] mensagens do líder da massa realizadas publicamente em canais de grande difusão: como, por exemplo, jornais, televisão, lives, vídeos e redes sociais;

[2] serem formadas por várias mensagens, podendo ser na forma de frases, falas, imagens ou vídeos, algumas possuindo sentido aberto e outras direcionando para uma intencionalidade;

[3] a existência de uma série histórica de mensagens do líder (de acordo com os critérios temporais da construção de uma liderança fascista);

[4] delimitação de um comportamento ou atitude voltados contra os inimigos eleitos e demonizados pelo líder fascista;

[5] apresentação da mensagem sob forte tônus afetivo-emocional denotando estado de urgência, apelo ou denúncia.

Quanto maior for o ambiente social de tensão e polaridade ideológica, mais eficiente podem ser as mensagens que buscam ativar os disparadores psíquicos. Então, dada a estratégia de mensagens que se colocam como possíveis disparadores psíquicos, elas precisam de pelos menos duas situações. Primeiramente, de múltipla causalidade.

29 Ele se diferencia de uma mensagem subliminar, a qual sempre tem associado diretamente o conteúdo da mensagem que traz um comando com um comportamento esperado, como no experimento duvidoso de James Vicary, em 1957. Veja por exemplo: <https://muse.jhu.edu/article/193862>.

um ambiente de conflito social, de crise e de correspondente engajamento da massa que segue o líder. Em segundo lugar, elas precisam ser em número abundante, em uma série histórica e de conteúdo aparentemente variável, mas que direcionem a agressividade para o adversário demonizado. E, assim, dados o mecanismo de formação da massa e sua estrutura de vinculação com o líder descritos acima, os disparadores psíquicos se constituem em poderosos instrumentos de manipulação e incitação à ação.

É a ação que tem desenvolvido Bolsonaro desde o momento em que iniciou seu périplo como deputado federal, e o que tem tentado mimetizar seguidores seus, sem tanto sucesso³⁰.

O TERRORISMO ESTOCÁSTICO E O SEU ENFRETEAMENTO

Queremos sugerir a compreensão de um duplo movimento que, embora conectado, possui lógicas específicas. Trata-se, de um lado, de um movimento que envolve personalidades sádicas ou em sofrimento mental, ainda que egossintônicas³¹, predispostas à explosão emocional e à reação violenta não necessariamente contra os fatores que estimulam seu sofrimento ou perversidade; e, de outro lado, a ação planejada de captura dessas tortuosas personalidades para a ação política violenta.

As reações e atos violentos são atos de autoafirmação, de busca de sentido ou afirmação de sua existência

30 Como, por exemplo, Sara Winter, Sérgio Reis, Alan dos Santos e outros. Lembremos que Bolsonaro goza, como presidente, de certo nível de imunidade.

31 No qual o Eu do sujeito não percebe seu sintoma ou sofrimento.

contra os valores hegemônicos vigentes ou mesmo a sensação de ordem. Nesse caso, todas as manifestações de comunicação desse tipo de sujeito visam a organização de um campo social e comunicacional que as efetive como disparadores psíquicos à ação.

O tédio agudo ou a humilhação social levam à busca, em determinadas circunstâncias e relacionado ao grau de sofrimento do indivíduo, de excitação que dê sentido às suas vidas. Erich Fromm, seguindo a perspectiva de Freud, ressalta o quanto a violência grupal é excitante, despertando a emoção que o confronto motivado pelo líder da massa causa, mesmo frente aos riscos de vida³². No caso de vivências entediantes e rotineiras, carentes de aventuras, o envolvimento com atos coletivos ofensivos a grupos adversários ou inimigos – mesmo imaginários – “deve ser compreendida como um desejo de pôr fim à rotina maçante da vida cotidiana”³³.

É comum que o estímulo ativador da violência seja, na massa, uma das formas de fuga ao tédio e da construção de potência psíquica.

Como mostrado anteriormente, fatores como a obediência cega ao líder, que envolve personalidades frágeis e dependentes que são impelidas a seguir este ou o incitador através de instruções determinadas, mas abertas de sentido e, ao mesmo tempo, autoritárias, funcionam como um sistema de retroalimentação do processo binomial de obediência-liderança. É neste sentido que o líder se esforçará na construção de uma

32 No caso, os níveis de excitação dos sujeitos podem vir a sobrepujar seus impulsos de autopreservação.

33 FROMM, Erich. Anatomia da destrutividade humana. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1970, p. 322. Ver RICCI, Rudá. Fascismo Brasileiro. Curitiba: Kotter, 2022, pp. 179-182.

imagem coletiva de segurança, a qual suporta-se na superação da ordem social, política e institucional vigente, apresentada em suas mensagens dirigidas como conspurcada por interesses corruptos e privados que maculam valores tradicionais, a honra e a dignidade³⁴. Temos aqui um tipo particular de líder, o qual, astuto, trabalha na construção demorada de uma massa (turba) que pode ser conduzida a atos violentos.

Por outro lado, temos um tipo particular de possível líder da massa que é constituído pelos sujeitos declaradamente e indisfarçadamente sádicos, os quais gozam do sofrimento do outro, do semelhante, e para os quais o outro é somente visto como um objeto de manipulação. Estas lideranças políticas são as mais propensas à incitação permanente e ao chamamento à violência como instrumento político, tendo como base a imposição discursiva do terror.

Fromm, em seu importante estudo sobre a destrutividade humana, nos mostra que a crueldade não é uma pulsão instintiva, mas sim paixão em que os sujeitos se envolvem e que, por processos patológicos, conferem sentido ao caos psíquico de suas vidas. O foco do psicanalista situa-se no chamado caráter ou personalidade sádica, o qual aguarda a oportunidade para agir no incitamento da violência³⁵. Será nesse sentido que os discursos políticos que apresentam um inimigo poderoso

34 Foi exatamente nesse sentido que trabalharam as comunicação do sistema de propaganda nazista: na promessa da correção do rumo da história, na direção de um novo mundo ariano e puro a ser atingido pela ação.

35 Há que se realizar uma diferença fundamental. Se a agressividade no humano se realiza diante da mobilização frente às ameaças aos seus interesses vitais e de sua comunidade próxima, no caso dos sujeitos sádicos ela se estrutura e se manifesta como agressão, reificada na propensão a matar e a torturar, sem qualquer razão perceptível ou real de ameaça.

e insinuante, que manipulariam a boa-vontade dos ímpios, moldam o ambiente favorável para a ação daqueles líderes (perversos) que sentem satisfação intensa em perseguir e destruir o outro. Estes líderes é que se engajaram na série histórica de promessas efetivas de comportamentos destrutivos, as mensagens afirmativas e as mensagens que se convertem em disparadores psíquicos, os quais produzem um cenário para a massa de seguidores no qual o outro, como adversário, é um objeto de mensagem convocado para a tortura, o estupro e o assassinio, isso sem qualquer discriminação de critérios humanos, democráticos, e mesmo parlamentares e institucionais, pois eles se colocam acima da lei e do contrato social.

Temos aqui, então, uma miríade de traços individuais, de personalidade e caráter que, por um lado, podem se configurar no líder da massa, bem como nos indivíduos singulares que, dentro da massa, seguem o líder e que são capturados em campanhas de ódio que se dão dentro de uma série histórica e com características estocásticas, tal como mostramos.

Assim, para que possamos ter a ação dos disparadores psíquicos em ação e efetivos, temos de ter a constituição de um líder de características sádicas, que prometa para a sua massa uma realidade alternativa, alcançada pela eliminação do outro, o adversário demonizado e não mais reconhecido em sua humanidade. É nesse sentido que funciona o sistema comunicacional do fascismo quando o líder emite mensagens para a massa, como “um tiro só ou uma granadinha mata todo mundo” e segue em um corolário colocando: “Você sabe o que está em jogo, e você sabe como deve se preparar (...) nós sabemos o que devemos fazer

antes das eleições.”

Mas, do outro lado, temos o movimento político e social que cria o ambiente discursivo. No caso, o movimento articula-se internacionalmente desde o início do século XXI. Trata-se aqui do renascimento surdo e progressivo dos movimentos de extrema-direita nos últimos cinquenta anos e um movimento internacional.

A primeira característica deste movimento internacional de extrema-direita é o foco na disputa de valores e da hegemonia cultural, que denominam de “guerra cultural”. Nos EUA, se autodenominam de *far-right*, se distinguindo do que consideram um conservadorismo dócil e acomodado ao *establishment*. São movimentos reacionários, portanto, anti-institucionais, de ataque à ordem social e política instalada. Desde seu início, estes movimentos se apresentam como portadores de valores e condutas humanas superiores, orientados pela honradez e, em algumas vertentes, inseridos em uma mística religiosa e em tradições espirituais que não são capazes de serem precisadas histórica e organicamente, mas sim como o resultado imaginário de fragmentos coleados do passado de forma aleatória e bizarra.

Oswald Spengler, Julius Evola e René Guénon são as referências mais citadas³⁶. Na Europa, o movimento

36 Evola e Guénon construíram o que comumente é conhecido como Tradicionalismo, uma vertente político-mística de extrema-direita que funde uma profunda crítica à modernidade e liberalismo com a pregação da superioridade dos valores tradicionais – honradez, respeito e hierarquia. Evola chegou a apoiar o nazismo e seguidores de suas teorias propõem a instalação do caos para acelerar a decadência da modernidade. Para alguns, uma subcorrente do Tradicionalismo é o perenialismo que sugere que a decadência do Ocidente se sustente na rejeição das formas tradicionais de comportamento, conhecimento e pensamento religioso. Ver TEITELBAUM, Benjamin. Guerra pela Eternidade: o retorno do Tradicionalismo e a ascensão da direita populista. Campinas: Editora

de extrema-direita foi galvanizado pela *Nouvelle Droite* francesa, que desde os anos 1960 se organizava no combate à esquerda e disseminava o conceito de guerra cultural. Sua orientação política é a disputa de valores, seu campo de batalha sempre foi a cultura, não a política diretamente, pela ocupação dos jornais, das universidades, dos teatros, humor, cinema. Se trata aqui de um uso ideologicamente invertido da concepção gramsciana de *hegemonia* – a leitura atenta dos valores disseminados na sociedade civil para alimentar a construção de um discurso legitimado que “cimentaria” interesses e identidades – e da noção de Estado Ampliado, a retroalimentação entre sociedade política e sociedade civil. As lideranças desta corrente francesa foram Alain de Benoist, Guillaume Faye e Dominique Venner. Faye se tornou um radical crítico das sociedades de mercado que debelariam a identidade europeia. Seu discurso atraiu jovens para a defesa da identidade nativa que constituíram o que ficou conhecido como Geração Identitária (GI), articulação que explora truques publicitários em vídeos postados nas redes sociais para divulgar uma “luta pela reconquista do território francês”, que o movimento afirma ter sido “perdido para imigrantes”. O GI possui mais de 100 mil fãs na sua página no Facebook³⁷.

Finalmente, os mediadores, em seus comportamentos históricos, na mídia e nas redes sociais, desen-

da Unicamp, 2020; ver, também, SEDGWICK, Mark. *Contra o mundo moderno: o Tradicionalismo e a história intelectual secreta do século XX*. Belo Horizonte: Âyiné, 2020. Mais atualmente, no século XXI, um dos expoentes e ator desta corrente com maior projeção e capacidade organizativa é o americano Steve Bannon.

37 Ver ASTIER, Henri. “Conheça a versão francesa da ‘alt-right’ que atrai jovens e influencia campanha”, BBC News Brasil, 9 de abril de 2017. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-39521454> (acessado em 30/07/2022).

volvem os disparadores psíquicos como gatilhos que mobilizam os sujeitos individuais das massas, lançando-os na possibilidade estocástica da realização de atos violentos e ondas terroristas de extrema-direita pelo mundo afora e, como ora estamos a ver se reificar na atualidade, no Brasil.

O que temos aqui se constitui em uma composição que envolve um líder carismático perverso que prolifera discursos irracionais, que adota invariavelmente movimentos erráticos, os quais funcionam como excitadores da massa, e cujo centro é a defesa dos valores tradicionais e o estímulo à autoafirmação de coletivos reacionários. Em seu centro está o enfrentamento da ordem democrático e os seus pilares institucionais – que seriam usados ao prazer de forças políticas corruptas e corruptoras, manipuladoras do trabalho e honestidade da maioria da população – é a tônica constante. Nesse sentido é que as comunicações do líder fascista funcionaram para o Sete de Setembro de 2021, no conclave à derrubada das instituições legislativas em Brasília, movimento que, felizmente, não se efetivou e mostrou, dentro da estrutura de mídia nacional, o caráter burlesco, mas terrífico, de sua pretensão.

Entretanto, o líder carismático nem sempre é considerado pelos formuladores e organizadores dos movimentos extremistas de direita como consciente de seu papel histórico. Mesmo assim, sugerem que são aríetes necessários para a implantação do caos e aceleração da transição da sociedade moderna para a futura sociedade tradicional e honrada. Esta era a conclusão a que chegaram Steve Bannon sobre Trump e Olavo de Carvalho sobre Jair Bolsonaro³⁸.

38 Lembrando que Adolf Hitler, como arauto precursor desse grupo, profetizava que o império germânico da raça pura somente

Até aqui discorremos sobre o sujeito na massa e seu líder e incitador. Agora vamos lançar nosso olhar para o meio no qual eles realizam grande parte de sua comunicação e no qual se transmitem as mensagens como disparadores psíquicos. De uma certa forma, não tão visíveis como as movimentações dos líderes carismáticos, encontramos as estruturas de comunicação interna e os manipuladores de algoritmos nas redes sociais. Seus usos e ações situam-se na intenção de construir uma ampla rede de pequenos coletivos, altamente excitados pelas mensagens que estimulam o viés de convicção, o fanatismo e a leitura apocalíptica da realidade. Não se trata de uma organização monolítica como as encontradas no século XX, mas sim de um mosaico onde os diversos agrupamentos não dialogam entre si, ou seja, não estão conectados e por isso se constituem em bolhas autônomas, fato que aumenta a sua dependência em relação às informações e orientações do núcleo organizador central do líder³⁹. As manipulações desses grupos, células ou bolhas digitais se dão por meio da identificação ontológica dos perfis de seus componentes. Ao menos três perfis distintos merecem atenção e estímulos próprios: a) os com baixa convicção e sugestionáveis; b) os com valores radicais (racistas, misóginos, sexistas, homofóbicos e tradicionalistas), mas não afetos à ação direta; c) e os fanáticos, violentos e aptos para a ação direta, muitas vezes, de natureza terrorista e envolvidos em uma *guerra santa de purificação*.

poderia ser erigido sob as cinzas da destruição. Ao sair de Roma, suas palavras para o general que o acompanhava foram: como é bela esta cidade. Pena que tenhamos de destruí-la para depois reconstruir de acordo com nosso ideal.

39 Ver EMPOLI, Giuliano Da. Os Engenheiros do Caos. São Paulo: Vestígio, 2019.

A manipulação deste gradiente de perfis vai do uso da metapolítica (operando com gostos e crenças para inserir sutilmente críticas enviesadas ao comportamento político) à construção de “câmaras de eco” em alguns coletivos virtuais que ressoam constantemente pelos apocalípticos e chamados do líder carismático para estimular atos violentos contra oponentes, elementos que designamos aqui como disparadores psíquicos.

Finalmente, temos os atos simbólicos de rua, as manifestações públicas em que os diversos agrupamentos e coletivos instalados nas redes sociais e os agrupamentos fanáticos medem forças e revelam seu potencial político e agressividade. Aqui se encontram grandes atos de confronto com instituições políticas que plantam o medo entre os segmentos ponderados da sociedade, projetando uma força política extremista que nem sempre é real. Também é neste momento que se desencadeiam atos terroristas de natureza estocástica, como os já referidos.

Lembremos que a designação de estocástico sugere uma intencionalidade dirigida por meio de mensagens e instruções de comunicação que se organizam como possíveis disparadores psíquicos, e se materializa de forma aleatória no campo comunicacional da sociedade. Estocástico devido ao fato de que ele é probabilisticamente o efeito de um conjunto de mensagens e sugestões de ações que são processadas pelos indivíduos da massa fascista e atomizados em sua resiliência e que dependem, para a sua materialização, sempre de condições que são fornecidas pelo contexto social, psicológico, comunicacional e situacional nos quais se encontram os seguidores da massa fascista. O exemplo

recente que impactou o Brasil nos últimos trinta dias foi o assassinato do Guarda Municipal Marcelo Arruda no dia de seu aniversário de 51 anos, em uma festa temática em homenagem a Lula, por um agente penal federal bolsonarista, Jorge Guaranho. Guaranho assistiu às imagens do aniversário pela câmera de segurança que conectava os dois locais de festa da Associação na qual o crime foi realizado e se viu impelido a agir.

O enfrentamento do terrorismo estocástico se dá, portanto, em ao menos três dimensões.

A *primeira*, das redes informais que se formam e por onde se irradiam gatilhos psíquicos que levam às manifestações de intolerância e autoafirmação grupal, além dos atos terroristas solitários. Tais redes podem ser identificadas e desbaratadas justamente porque disseminam valores e alvos políticos nítidos e possuem, no caso brasileiro, uma identidade geral: o bolsonarismo. As instituições brasileiras têm plenas condições para investigar essas redes e localizar as “câmaras de eco” e os estímulos à ação direta para atingir alvos políticos e implantar o pânico na sociedade.

Uma *segunda* dimensão é a do líder carismático e seu staff. Todo líder carismático nega tradições e corpo legal. Sua prática se dá pela narrativa e retórica emocional, pela construção apocalíptica e intervenção urgente para alterar os rumos em curso no mundo. Muitas vezes, o líder político carismático se apresenta como um misto de profeta e herói, embalado pela demagogia, ou seja, pela biografia comum com a base da sociedade, até mesmo marginal, criando identidade com a maioria da população desprovida de poder. É daí que surge a empatia inicial que mobiliza emoções contra “os de cima”, os poderosos da política, da cultura e da econo-

mia. O líder carismático de extrema-direita faz escaladas discursivas. Num primeiro momento, valoriza os desprovidos de poder e cria uma identidade coletiva pela negação aos poderosos que procuram dominá-los. Em seguida, testa a força política e de representação e se lança na arena política. Se bem-sucedido, avança nas críticas à ordem vigente para, então, atacar instituições e a ordem política instalada. É neste ponto que se dá a promoção de ações violentas. O Brasil vivencia exatamente esta última passagem do discurso extremista bolsonarista. É preciso conter os gatilhos disparados frequentemente nas declarações da maior autoridade pública do país. Lembremos que a tomada do poder pelo fascismo raramente emprega a violência. A força é empregada para intimidar e criar o clima de êxtase entre os segmentos extremistas da sociedade. Chegando ao poder, o líder carismático e seu *staff* iniciam a implantação da ordem totalitária, que não ocorre rapidamente.

Finalmente, a *terceira* e mais complexa dimensão: a das personalidades mais afetas ao discurso extremista. Aqui reside o problema mais complexo porque se relaciona com as desventuras da sociedade brasileira, extremamente desigual, que projeta valores estamentais. Somos uma sociedade em que a herança familiar conta como distinção social e acesso às benesses da 13^a economia mundial.

Ressentimento e elitismo se fundem com o valor do trabalho, a ética do trabalho. Um segmento considerável da sociedade brasileira considera que as dificuldades pessoais e familiares podem ser superadas com esforço individual. Assim, políticas sociais promocionais – para além da proteção social – seriam humilhan-

tes e injustas porque partiriam, hipoteticamente, da avaliação discriminatória da incapacidade de alguns brasileiros atingirem sucesso por seu próprio mérito. Tal leitura, profundamente conservadora, promove a aproximação de segmentos desfavorecidos ao discurso do líder extremista, antiestablishment. Um caminho tortuoso de autoexpição de sua condição marginal, como se negando favores e invocando seu ingresso no mundo dos afortunados.

Não se trata de uma empreitada simples o enfrentamento do extremismo bolsonarista. Exige tempo porque dialoga com valores e crenças, com emoções e traços de personalidade, com o desejo legítimo de camadas populares demonstrarem seu valor e ascenderem ao mundo da estabilidade social.

O terrorismo estocástico revela mais do que uma mera disputa política. Revela a repetição no decurso histórico, tal como pensou Marx no 18º Brumário, mas sempre de modo trágico e cruel, denunciando os valores em disputa no interior da sociedade. Revela um fascismo societal. Revela uma sociedade adoecida e sedenta de mudança. Revela uma tarefa urgente do porvir que somente pode acontecer pela via do amor, da solidariedade, balançados pela razão dando limites aos impulsos da barbárie fascista.

Rudá Ricci e Luís Carlos Petry



Rudá Ricci é graduado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP, mestre em Ciência Política pela Universidade Estadual de Campinas – Unicamp e doutor em Ciências Sociais pela mesma instituição.

É diretor geral do Instituto Cultiva, professor do curso de mestrado em Direito e Desenvolvimento Sustentável da Escola Superior Dom Helder Câmara e colunista Político da Band News. É autor de *Terra de Ninguém* (Ed. Unicamp, 1999), *Dicionário da Gestão Democrática* (Ed. Autêntica, 2007), *Lulismo* (Fundação Astrojildo Pereira/Contraponto, 2010) e coautor de *A Participação em São Paulo* (Ed. Unesp, 2004) e *Fascismo Brasileiro: e o Brasil Gerou o seu ovo da Serpente* (Kotter Editorial, 2022), entre outros.

ENTREVISTAS COM RUDÁ RICCI PUBLICADAS NO IHU

- [Democracia na berlinda. As eleições 2022 para além da escolha presidencial. Entrevista especial com Rudá Ricci](#)
- [“Auxílio Brasil” coloca em risco a sobrevivência de metade da população brasileira. Entrevista especial com Rudá Ricci](#)
- [Das ruas às redes: manifestações de 29 de maio colocam a oposição de volta ao front. Entrevista especial com Rudá Ricci e Henrique Costa](#)

- [300 mil mortos: “Não existiu nem existe gestão das crises vividas no Brasil”.](#) Entrevista especial com Rubens Ricupero, Roberto Romano e Rudá Ricci
- [O novo frustrou a busca de alternativas. Vem aí a política de ciclo curto.](#) Entrevista especial com Rudá Ricci
- [Nas cordas, governo Bolsonaro recua nas propostas de campanha para salvar a pele.](#) Entrevista especial com Rudá Ricci
- [Em meio à crise civilizatória, a política de avestruz do governo brasileiro.](#) Entrevista especial com Rudá Ricci
- [Estado tem papel decisivo em tempos de crise, reforçam analistas.](#) Entrevista com Rudá Ricci
- [“O que estamos chamando de política pública é, na verdade, política de incentivo aos interesses privados”.](#) Entrevista especial com Rudá Ricci
- [2019, a crise que agrupará todas as crises. A política do ciclo curto e a cultura antisistêmica.](#) Entrevista especial com Rudá Ricci (2a. parte)
- [A pauta do Brasil é rediscutir o Estado brasileiro.](#) Entrevista especial com Rudá Ricci
- [Tensão e sombras após o julgamento do STF e a apressadíssima ordem de prisão de Lula.](#) Entrevistas especiais com Adriano Pilatti, Roberto Romano, Rudá Ricci, Ivo Lesbaupin, Bruno Lima Rocha, Moysés Pinto Neto e Robson Sávio
- [“O problema do Brasil não é 2018, mas 2019”.](#) Entrevista especial com Rudá Ricci

- [O principal problema do Brasil não é a corrupção, mas a desigualdade. Entrevista especial com Rudá Ricci](#)
- [Eleição do desencanto do eleitor. ‘Não temos mais um partido hegemônico de esquerda no Brasil’. Entrevista especial com Rudá Ricci](#)
- [‘Os pacotes do Temer alimentarão a esquerda brasileira e ela voltará ao poder’. Entrevista especial com Rudá Ricci](#)
- [A admissibilidade do impeachment e a continuidade da crise política. Entrevista especial com Rudá Ricci](#)
- [A permissividade e o movediço cenário político nacional. Entrevista especial com Rudá Ricci](#)
- [A arena de combates do impeachment e o Brasil jogado aos leões. Entrevista especial com Rudá Ricci](#)
- [Crise política brasileira e os riscos da venezuelização. Entrevista especial com Rudá Ricci](#)
- [A vitória do Podemos e a expectativa de um efeito dominó contra a austeridade. Entrevista especial com Rudá Ricci](#)
- [O enorme fosso entre as ruas e a política institucional. Entrevista especial com Rudá Ricci](#)
- [O crescimento do Syriza e do Podemos. Algo a ver com o Brasil? Entrevista especial com Rudá Ricci](#)
- [Disputa entre PT e PSDB e o pêndulo do eleitorado frustrado e descontente. Entrevista especial com Rudá Ricci](#)

- [O movimento sindical e os partidos. Longe das frustrações diárias, desafiados pelo ‘enxameamento’. Entrevista especial com Rudá Ricci](#)
- [“A disputa política está nas ruas”. Entrevista especial com Rudá Ricci](#)
- [“O PT se tornou o PCB do século XXI”. Entrevista especial com Rudá Ricci](#)
- [“Um Brasil mais mosaico do que nunca”. Uma análise das eleições a partir de Minas Gerais. Entrevista especial com Rudá Ricci](#)
- [“A CUT vai caminhando para ser a antiga CGT do século XXI”. Entrevista especial com Rudá Ricci](#)

ARTIGOS DE RUDÁ RICCI PUBLICADOS NO IHU

- [Mudou o patamar. Artigo de Rudá Ricci](#)
- [Os erros pedagógicos que estamos cometendo durante a pandemia. Artigo de Rudá Ricci](#)
- [A caminho do Centrão. Artigo de Rudá Ricci](#)
- [Um primeiro balanço das eleições 2020. Artigo de Rudá Ricci](#)

NOTÍCIAS DE RUDÁ RICCI PUBLICADAS NO IHU

- [O PT sem Lula. Artigo de Rudá Ricci](#)
- [“Uma sentença contra uma geração”. Artigo de Rudá Ricci](#)
- [Ruas retiram mais uma camada da cultura neoliberal no Brasil. Artigo de Rudá Ricci](#)

EVENTOS COM RUDÁ RICCI NO IHU

- [Ciclo de debates – Políticas Públicas no atual contexto brasileiro](#)

CADERNOS IHU IDEIAS DE RUDÁ RICCI

- [N. 191 #VEMpraRUA: Outono brasileiro? Leituras – Bruno Lima Rocha, Carlos Gadea, Giovanni Alves, Giuseppe Cocco, Luiz Werneck Vianna e Rudá Ricci](#)



Luís Carlos Petry é filósofo, psicanalista e topólogo. Professor aposentado da PUC-SP e participa do grupo de resistência democrática Unidade & Diversidade. Possui doutorado em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2003) com tese sobre modelagem tridimensional para ambientes virtuais, metaversos e games. Estudos em Liceu de Arte e Filosofia. Bacharel em Psicologia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (1986).

É autor do Projeto Didático-pedagógico do Curso Superior de Tecnologia em Jogos Digitais. É Consultor Internacional da FCT (Pt) para o Projecto Comunicação Pública da Arte (2007-2011), projeto sediado no Centro de Estudos de Comunicação e Linguagens-FCSH-UNL. É membro do Conselho Editorial da Revista CIBERTEXTUALIDADES da UPF(Pt).

Participou da Bienal de Cerveira de 2009 e foi selecionado para participar da Edição de 2011 da mesma Bienal com dois games artístico-acadêmicos. Tem

experiência na área de Educação, com ênfase no desenvolvimento em games e hipermídia, atuando principalmente nas área de fundamentação e desenvolvimento de metodologias e protótipos para metaversos e games. É o revisor técnico da Coleção: *Introdução ao desenvolvimento de games* (editada por Steve Rabin - 4 volumes).

ENTREVISTAS COM LUIS CARLOS PETRY PUBLICADAS NO IHU

- [A psicologia das massas do nazi-fascismo e a 'nebulosa do ideário bolsonarista'. Entrevista especial com Luís Carlos Petry](#)

REPORTAGENS COM LUIS CARLOS PETRY PUBLICADAS NO IHU

- [A tragédia em Suzano exige a defesa da educação. Manifesto da Rede de Defesa e de Resistência Democrática](#)

EVENTOS COM LUIS CARLOS PETRY NO IHU

- [A psicologia das massas do nazi-fascismo e a realidade atual da ultra-direita](#)



CADERNOS IHU IDEIAS

- N. 01 A teoria da justiça de John Rawls – José Nedel
- N. 02 O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas – Edla Eggert
O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo – Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss
- N. 03 O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo – Sonia Montañó
- N. 04 Ernani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular – Luiz Gilberto Kronbauer
- N. 05 O ruído de guerra e o silêncio de Deus – Manfred Zeuch
- N. 06 BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo – Renato Janine Ribeiro
- N. 07 Mundos televisivos e sentidos identitários na TV – Suzana Kilpp
- N. 08 Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho – Márcia Lopes Duarte
- N. 09 Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada – Valério Cruz Brittos
- N. 10 Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo – Édison Luis Gastaldo
- N. 11 Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz – Márcia Tiburi
- N. 12 A domesticação do exótico – Paula Caleffi
- N. 13 Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular – Edla Eggert
- N. 14 Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS – Gunter Axt
- N. 15 Medicina social: um instrumento para denúncia – Stela Nazareth Meneghel
- N. 16 Mudanças de significado da tatuagem contemporânea – Débora Krischke Leitão
- N. 17 As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade – Mário Maestri
- N. 18 Um itinerário do pensamento de Edgar Morin – Maria da Conceição de Almeida
- N. 19 Os donos do Poder, de Raymundo Faoro – Helga Iracema Ladgraf Piccolo
- N. 20 Sobre técnica e humanismo – Oswaldo Giacóia Junior
- N. 21 Construindo novos caminhos para a intervenção societária – Lucilda Selli
- N. 22 Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial – Paulo Henrique Dionísio
- N. 23 Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático – Valério Rohden
- N. 24 Imagens da exclusão no cinema nacional – Miriam Rossini
- N. 25 A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação – Nísia Martins do Rosário
- N. 26 O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS – Rosa Maria Serra BavareSCO
- N. 27 O modo de objetivação jornalística – Beatriz Alcaraz Marocco
- N. 28 A cidade afetada pela cultura digital – Paulo Edison Belo Reyes
- N. 29 Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde – Porto Alegre, RS – José Fernando Dresch Kronbauer
- N. 30 Getúlio, romance ou biografia? – Juremir Machado da Silva
- N. 31 A crise e o êxodo da sociedade salarial – André Gorz
- N. 32 À meia luz: a emergência de uma Teologia Gay – Seus dilemas e possibilidades – André Sidnei Musskopf
- N. 33 O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 34 O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos – Marco Aurélio Santana
- N. 35 Adam Smith: filósofo e economista – Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos

- N. 36 Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica – Airton Luiz Jungblut
- N. 37 As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes – Fernando Ferrari Filho
- N. 38 Rosa Egípcia: Uma Santa Africana no Brasil Colonial – Luiz Mott
- N. 39 Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo – Gentil Corazza
- N. 40 Corpo e Agenda na Revista Feminina – Adriana Braga
- N. 41 A (anti)filosofia de Karl Marx – Leda Maria Paulani
- N. 42 Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de “A Teoria da Classe Ociosa” – Leonardo Monteiro Monasterio
- N. 43 Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica – Édison Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leistner, Ronei Teodoro da Silva e Samuel McGinity
- N. 44 Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistemática de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo – Gérard Donnadieu
- N. 45 A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica – Lothar Schäfer
- N. 46 “Esta terra tem dono”. Disputas de representação sobre o passado missionário no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju – Ceres Karam Brum
- N. 47 O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter – Achyles Barcelos da Costa
- N. 48 Religião e elo social. O caso do cristianismo – Gérard Donnadieu
- N. 49 Copérnico e Kepler: como a terra saiu do centro do universo – Geraldo Monteiro Sigaud
- N. 50 Modernidade e pós-modernidade – luzes e sombras – Evilázio Teixeira
- N. 51 Violências: O olhar da saúde coletiva – Élda Azevedo Hennington e Stela Nazareth Meneghel
- N. 52 Ética e emoções morais – Thomas Kesselring
Juízos ou emoções: de quem é a primazia na moral? – Adriano Naves de Brito
- N. 53 Computação Quântica. Desafios para o Século XXI – Fernando Haas
- N. 54 Atividade da sociedade civil relativa ao desarmamento na Europa e no Brasil – An Vranckx
- N. 55 Terra habitável: o grande desafio para a humanidade – Gilberto Dupas
- N. 56 O decrescimento como condição de uma sociedade convivial – Serge Latouche
- N. 57 A natureza da natureza: auto-organização e caos – Günter Küppers
- N. 58 Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades – Hazel Henderson
- N. 59 Globalização – mas como? – Karen Gloy
- N. 60 A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida – Cesar Sanson
- N. 61 Incidente em Antares e a Trajetória de Ficção de Erico Veríssimo – Regina Zilberman
- N. 62 Três episódios de descoberta científica: da caricatura empirista a uma outra história – Fernando Lang da Silveira e Luiz O. Q. Peduzzi
- N. 63 Negações e Silenciamentos no discurso acerca da Juventude – Cátia Andressa da Silva
- N. 64 Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo – Artur Cesar Isaia
- N. 65 Darcy Ribeiro e o O povo brasileiro: uma alegoria humanista tropical – Léa Freitas Perez
- N. 66 Adoecer: Morrer ou Viver? Reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-1675) – Eliane Cristina Deckmann Fleck
- N. 67 Em busca da terceira margem: O olhar de Nelson Pereira dos Santos na obra de Guimarães Rosa – João Guilherme Barone
- N. 68 Contingência nas ciências físicas – Fernando Haas

- N. 69 A cosmologia de Newton – Ney Lemke
N. 70 Física Moderna e o paradoxo de Zenon – Fernando Haas
N. 71 O passado e o presente em Os Inconfidentes, de Joaquim Pedro de Andrade – Miriam de Souza Rossini
N. 72 Da religião e de juventude: modulações e articulações – Léa Freitas Perez
N. 73 Tradição e ruptura na obra de Guimarães Rosa – Eduardo F. Coutinho
N. 74 Raça, nação e classe na historiografia de Moysés Vellinho – Mário Maestri
N. 75 A Geologia Arqueológica na Unisinos – Carlos Henrique Nowatzki
N. 76 Campesinato negro no período pós-abolição: repensando Coronelismo, enxada e voto – Ana Maria Lugão Rios
N. 77 Progresso: como mito ou ideologia – Gilberto Dupas
N. 78 Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à Violência da Moeda – Octavio A. C. Conceição
N. 79 Dante de Laytano e o negro no Rio Grande Do Sul – Moacyr Flores
N. 80 Do pré-urbano ao urbano: A cidade missioneira colonial e seu território – Arno Alvarez Kern
N. 81 Entre Canções e versos: alguns caminhos para a leitura e a produção de poemas na sala de aula – Gláucia de Souza
N. 82 Trabalhadores e política nos anos 1950: a ideia de “sindicalismo populista” em questão – Marco Aurélio Santana
N. 83 Dimensões normativas da Bioética – Alfredo Culleton e Vicente de Paulo Barretto
N. 84 A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza – Attico Chassot
N. 85 Demanda por empresas responsáveis e Ética Concorrencial: desafios e uma proposta para a gestão da ação organizada do varejo – Patrícia Almeida Ashley
N. 86 Autonomia na pós-modernidade: um delírio? – Mario Fleig
N. 87 Gauchismo, tradição e Tradicionalismo – Maria Eunice Maciel
N. 88 A ética e a crise da modernidade: uma leitura a partir da obra de Henrique C. de Lima Vaz – Marcelo Perine
N. 89 Limites, possibilidades e contradições da formação humana na Universidade – Laurício Neumann
N. 90 Os índios e a História Colonial: lendo Cristina Pompa e Regina Almeida – Maria Cristina Bohn Martins
N. 91 Subjetividade moderna: possibilidades e limites para o cristianismo – Franklin Leopoldo e Silva
N. 92 Saberes populares produzidos numa escola de comunidade de catadores: um estudo na perspectiva da Etnomatemática – Daiane Martins Bocasanta
N. 93 A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro – Carlos Alberto Steil
N. 94 Movimento sindical: desafios e perspectivas para os próximos anos – Cesar Sanson
N. 95 De volta para o futuro: os precursores da nanotecnociência – Peter A. Schulz
N. 96 Vianna Moog como intérprete do Brasil – Enildo de Moura Carvalho
N. 97 A paixão de Jacobina: uma leitura cinematográfica – Marinês Andrea Kunz
N. 98 Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões – Susana Maria Rocca Larrosa
N. 99 Sociabilidades contemporâneas: os jovens na lan house – Vanessa Andrade Pereira
N. 100 Autonomia do sujeito moral em Kant – Valerio Rohden
N. 101 As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 1 – Roberto Camps Moraes
N. 102 Uma leitura das inovações bio(nano)tecnológicas a partir da sociologia da ciência – Adriano Premebida
N. 103 ECODI – A criação de espaços de convivência digital virtual no contexto dos processos de ensino e aprendizagem em metaverso – Eliane Schlemmer

- N. 104 As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 2 – Roberto Camps Moraes
- N. 105 Futebol e identidade feminina: um estudo etnográfico sobre o núcleo de mulheres gremistas – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 106 Justificação e prescrição produzidas pelas Ciências Humanas: Igualdade e Liberdade nos discursos educacionais contemporâneos – Paula Corrêa Henning
- N. 107 Da civilização do segredo à civilização da exibição: a família na vitrine – Maria Isabel Barros Bellini
- N. 108 Trabalho associado e ecologia: vislumbrando um ethos solidário, terno e democrático? – Telmo Adams
- N. 109 Transumanismo e nanotecnologia molecular – Celso Candido de Azambuja
- N. 110 Formação e trabalho em narrativas – Leandro R. Pinheiro
- N. 111 Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração – Yeda Crusius no Rio Grande do Sul – Mário Maestri
- N. 112 A comunicação paulina e as práticas publicitárias: São Paulo e o contexto da publicidade e propaganda – Denis Gerson Simões
- N. 113 Isto não é uma janela: Flusser, Surrealismo e o jogo contra – Esp. Yentl Delanhesi
- N. 114 SBT: jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro – Sonia Montão
- N. 115 Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites – Carlos Daniel Baioto
- N. 116 Humanizar o humano – Roberto Carlos Fávero
- N. 117 Quando o mito se torna verdade e a ciência, religião – Róber Freitas Bachinski
- N. 118 Colonizando e descolonizando mentes – Marcelo Dascal
- N. 119 A espiritualidade como fator de proteção na adolescência – Luciana F. Marques e Débora D. Dell'Aglio
- N. 120 A dimensão coletiva da liderança – Patrícia Martins Fagundes Cabral e Nedio Seminotti
- N. 121 Nanotecnologia: alguns aspectos éticos e teológicos – Eduardo R. Cruz
- N. 122 Direito das minorias e Direito à diferenciação – José Rogério Lopes
- N. 123 Os direitos humanos e as nanotecnologias: em busca de marcos regulatórios – Wilson Engelman
- N. 124 Desejo e violência – Rosane de Abreu e Silva
- N. 125 As nanotecnologias no ensino – Solange Binotto Fagan
- N. 126 Câmara Cascudo: um historiador católico – Bruna Rafaela de Lima
- N. 127 O que o câncer faz com as pessoas? Reflexos na literatura universal: Leo Tolstói – Thomas Mann – Alexander Soljenitsin – Philip Roth – Karl-Josef Kuschel
- N. 128 Dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à identidade genética – Ingo Wolfgang Sarlet e Selma Rodrigues Petterle
- N. 129 Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida – Ivan Amaral Guerrini
- N. 130 Nanotecnologia e meio ambiente para uma sociedade sustentável – Paulo Roberto Martins
- N. 131 A philia como critério de inteligibilidade da mediação comunitária – Rosa Maria Zaia Borges Abrão
- N. 132 Linguagem, singularidade e atividade de trabalho – Marlene Teixeira e Éderson de Oliveira Cabral
- N. 133 A busca pela segurança jurídica na jurisdição e no processo sob a ótica da teoria dos sistemas sociais de Nicklass Luhmann – Leonardo Grison
- N. 134 Motores Biomoleculares – Ney Lemke e Luciano Hennemann
- N. 135 As redes e a construção de espaços sociais na digitalização – Ana Maria Oliveira Rosa
- N. 136 De Marx a Durkheim: Algumas apropriações teóricas para o estudo das religiões afro-brasileiras – Rodrigo Marques Leister
- N. 137 Redes sociais e enfrentamento do sofrimento psíquico: sobre como as pessoas reconstruem suas vidas – Breno Augusto Souto Maior Fontes
- N. 138 As sociedades indígenas e a economia do dom: O caso dos guaranis – Maria Cristina Bohn Martins



- N. 139 Nanotecnologia e a criação de novos espaços e novas identidades – Marise Borba da Silva
- N. 140 Platão e os Guarani – Beatriz Helena Domingues
- N. 141 Direitos humanos na mídia brasileira – Diego Airoso da Motta
- N. 142 Jornalismo Infantil: Apropriações e Aprendizagens de Crianças na Recepção da Revista Recreio – Greyce Vargas
- N. 143 Derrida e o pensamento da desconstrução: o redimensionamento do sujeito – Paulo Cesar Duque-Estrada
- N. 144 Inclusão e Biopolítica – Maura Corcini Lopes, Kamila Lockmann, Morgana Domênica Hattge e Viviane Klaus
- N. 145 Os povos indígenas e a política de saúde mental no Brasil: composição simétrica de saberes para a construção do presente – Bianca Sordi Stock
- N. 146 Reflexões estruturais sobre o mecanismo de REDD – Camila Moreno
- N. 147 O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais – Caetano Sordi
- N. 148 Avaliação econômica de impactos ambientais: o caso do aterro sanitário em Canoas-RS – Fernanda Schutz
- N. 149 Cidadania, autonomia e renda básica – Josué Pereira da Silva
- N. 150 Imagética e formações religiosas contemporâneas: entre a performance e a ética – José Rogério Lopes
- N. 151 As reformas político-econômicas pombalinas para a Amazônia: e a expulsão dos jesuítas do Grão-Pará e Maranhão – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 152 Entre a Revolução Mexicana e o Movimento de Chiapas: a tese da hegemonia burguesa no México ou “por que voltar ao México 100 anos depois” – Claudia Wasserman
- N. 153 Globalização e o pensamento econômico franciscano: Orientação do pensamento econômico franciscano e Caritas in Veritate – Stefano Zamagni
- N. 154 Ponto de cultura teko arandu: uma experiência de inclusão digital indígena na aldeia kaiowá e guarani Te'ýikue no município de Caarapó-MS – Neimar Machado de Sousa, Antonio Brand e José Francisco Sarmento
- N. 155 Civilizar a economia: o amor e o lucro após a crise econômica – Stefano Zamagni
- N. 156 Intermittências no cotidiano: a clínica como resistência inventiva – Mário Francis Petry Londero e Simone Mainieri Paulon
- N. 157 Democracia, liberdade positiva, desenvolvimento – Stefano Zamagni
- N. 158 “Passemos para a outra margem”: da homofobia ao respeito à diversidade – Omar Lucas Perrout Fortes de Sales
- N. 159 A ética católica e o espírito do capitalismo – Stefano Zamagni
- N. 160 O Slow Food e novos princípios para o mercado – Eriberto Nascente Silveira
- N. 161 O pensamento ético de Henri Bergson: sobre As duas fontes da moral e da religião – André Brayner de Farias
- N. 162 O modus operandi das políticas econômicas keynesianas – Fernando Ferrari Filho e Fábio Henrique Bittes Terra
- N. 163 Cultura popular tradicional: novas mediações e legitimações culturais de mestres populares paulistas – André Luiz da Silva
- N. 164 Será o decrescimento a boa nova de Ivan Illich? – Serge Latouche
- N. 165 Agostos! A “Crise da Legalidade”: vista da janela do Consulado dos Estados Unidos em Porto Alegre – Carla Simone Rodeghero
- N. 166 Convivialidade e decrescimento – Serge Latouche
- N. 167 O impacto da plantação extensiva de eucalipto nas culturas tradicionais: Estudo de caso de São Luis do Paraitinga – Marcelo Henrique Santos Toledo
- N. 168 O decrescimento e o sagrado – Serge Latouche
- N. 169 A busca de um ethos planetário – Leonardo Boff
- N. 170 O salto mortal de Louk Hulsman e a desinstitucionalização do ser: um convite ao abolicionismo – Marco Antonio de Abreu Scapini

- N. 171 Sub specie aeternitatis – O uso do conceito de tempo como estratégia pedagógica de religação dos saberes – Gerson Egas Severo
- N. 172 Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais – Bruno Pucci
- N. 173 Técnicas de si nos textos de Michel Foucault: A influência do poder pastoral – João Roberto Barros II
- N. 174 Da mônada ao social: A intersubjetividade segundo Levinas – Marcelo Fabri
- N. 175 Um caminho de educação para a paz segundo Hobbes – Lucas Mateus Dalsotto e Everaldo Cescon
- N. 176 Da magnitude e ambivalência à necessária humanização da tecnociência segundo Hans Jonas – Jelson Roberto de Oliveira
- N. 177 Um caminho de educação para a paz segundo Locke – Odair Camati e Paulo César Nodari
- N. 178 Crime e sociedade estamental no Brasil: De como la ley es como la serpiente; solo pica a los descalzos – Lenio Luiz Streck
- N. 179 Um caminho de educação para a paz segundo Rousseau – Mateus Boldori e Paulo César Nodari
- N. 180 Limites e desafios para os direitos humanos no Brasil: entre o reconhecimento e a concretização – Afonso Maria das Chagas
- N. 181 Apátridas e refugiados: direitos humanos a partir da ética da alteridade – Gustavo Oliveira de Lima Pereira
- N. 182 Censo 2010 e religiões: reflexões a partir do novo mapa religioso brasileiro – José Rogério Lopes
- N. 183 A Europa e a ideia de uma economia civil – Stefano Zamagni
- N. 184 Para um discurso jurídico-penal libertário: a pena como dispositivo político (ou o direito penal como “discurso-limite”) – Augusto Jobim do Amaral
- N. 185 A identidade e a missão de uma universidade católica na atualidade – Stefano Zamagni
- N. 186 A hospitalidade frente ao processo de reassentamento solidário aos refugiados – Joseane Mariéle Schuck Pinto
- N. 187 Os arranjos colaborativos e complementares de ensino, pesquisa e extensão na educação superior brasileira e sua contribuição para um projeto de sociedade sustentável no Brasil – Marcelo F. de Aquino
- N. 188 Os riscos e as loucuras dos discursos da razão no campo da prevenção – Luis David Castiel
- N. 189 Produções tecnológicas e biomédicas e seus efeitos produtivos e prescritivos nas práticas sociais e de gênero – Marlene Tamanini
- N. 190 Ciência e justiça: Considerações em torno da apropriação da tecnologia de DNA pelo direito – Claudia Fonseca
- N. 191 #VEMpraRUA: Outono brasileiro? Leituras – Bruno Lima Rocha, Carlos Gadea, Giovanni Alves, Giuseppe Cocco, Luiz Werneck Vianna e Rudá Ricci
- N. 192 A ciência em ação de Bruno Latour – Leticia de Luna Freire
- N. 193 Laboratórios e Extrações: quando um problema técnico se torna uma questão sociotécnica – Rodrigo Ciconet Dornelles
- N. 194 A pessoa na era da biopolítica: autonomia, corpo e subjetividade – Heloisa Helena Barboza
- N. 195 Felicidade e Economia: uma retrospectiva histórica – Pedro Henrique de Moraes Campetti e Tiago Wickstrom Alves
- N. 196 A colaboração de Jesuítas, Leigos e Leigas nas Universidades confiadas à Companhia de Jesus: o diálogo entre humanismo evangélico e humanismo tecnocientífico – Adolfo Nicolás
- N. 197 Brasil: verso e reverso constitucional – Fábio Konder Comparato
- N. 198 Sem-religião no Brasil: Dois estranhos sob o guarda-chuva – Jorge Claudio Ribeiro
- N. 199 Uma ideia de educação segundo Kant: uma possível contribuição para o século XXI – Felipe Bragagnolo e Paulo César Nodari

- N. 200 Aspectos do direito de resistir e a luta social por moradia urbana: a experiência da ocupação Raízes da Praia – Natalia Martinuzzi Castilho
- N. 201 Desafios éticos, filosóficos e políticos da biologia sintética – Jordi Maiso
- N. 202 Fim da Política, do Estado e da cidadania? – Roberto Romano
- N. 203 Constituição Federal e Direitos Sociais: avanços e recuos da cidadania – Maria da Glória Gohn
- N. 204 As origens históricas do racionalismo, segundo Feyerabend – Miguel Ângelo Flach
- N. 205 Compreensão histórica do regime empresarial-militar brasileiro – Fábio Konder Comparato
- N. 206 Sociedade tecnológica e a defesa do sujeito: Technological society and the defense of the individual – Karla Saraiva
- N. 207 Territórios da Paz: Territórios Produtivos? – Giuseppe Cocco
- N. 208 Justiça de Transição como Reconhecimento: limites e possibilidades do processo brasileiro – Roberta Camineiro Baggio
- N. 209 As possibilidades da Revolução em Ellul – Jorge Barrientos-Parra
- N. 210 A grande política em Nietzsche e a política que vem em Agamben – Márcia Rosane Junges
- N. 211 Foucault e a Universidade: Entre o governo dos outros e o governo de si mesmo – Sandra Caponi
- N. 212 Verdade e História: arqueologia de uma relação – José D’Assunção Barros
- N. 213 A Relevante Herança Social do Pe. Amstad SJ – José Odello Schneider
- N. 214 Sobre o dispositivo. Foucault, Agamben, Deleuze – Sandro Chignola
- N. 215 Repensar os Direitos Humanos no Horizonte da Libertação – Alejandro Rosillo Martínez
- N. 216 A realidade complexa da tecnologia – Alberto Cupani
- N. 217 A Arte da Ciência e a Ciência da Arte: Uma abordagem a partir de Paul Feyerabend – Hans Georg Flickinger
- N. 218 O ser humano na idade da técnica – Humberto Galimberti
- N. 219 A Racionalidade Contextualizada em Feyerabend e suas Implicações Éticas: Um Paralelo com Alasdair MacIntyre – Halina Macedo Leal
- N. 220 O Marquês de Pombal e a Invenção do Brasil – José Eduardo Franco
- N. 221 Neurofuturos para sociedades de controle – Timothy Lenoir
- N. 222 O poder judiciário no Brasil – Fábio Konder Comparato
- N. 223 Os marcos e as ferramentas éticas das tecnologias de gestão – Jesús Conill Sancho
- N. 224 O restabelecimento da Companhia de Jesus no extremo sul do Brasil (1842-1867) – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 225 O grande desafio dos indígenas nos países andinos: seus direitos sobre os recursos naturais – Xavier Albó
- N. 226 Justiça e perdão – Xabier Etxeberria Mauleon
- N. 227 Paraguai: primeira vigilância massiva norte-americana e a descoberta do Arquivo do Terror (Operação Condor) – Martín Almada
- N. 228 A vida, o trabalho, a linguagem. Biopolítica e biocapitalismo – Sandro Chignola
- N. 229 Um olhar biopolítico sobre a bioética – Anna Quintanas Feixas
- N. 230 Biopoder e a constituição étnico-racial das populações: Racialismo, eugenia e a gestão biopolítica da mestiçagem no Brasil – Gustavo da Silva Kern
- N. 231 Bioética e biopolítica na perspectiva hermenêutica: uma ética do cuidado da vida – Jesús Conill Sancho
- N. 232 Migrantes por necessidade: o caso dos senegaleses no Norte do Rio Grande do Sul – Dirceu Benincá e Vânia Aguiar Pinheiro
- N. 233 Capitalismo biocognitivo e trabalho: desafios à saúde e segurança – Elsa Cristine Bevia
- N. 234 O capital no século XXI e sua aplicabilidade à realidade brasileira – Róber Iturriet Avila & João Batista Santos Conceição
- N. 235 Biopolítica, raça e nação no Brasil (1870-1945) – Mozart Linhares da Silva
- N. 236 Economias Biopolíticas da Dívida – Michael A. Peters

- N. 237 Paul Feyerabend e Contra o Método: Quarenta Anos do Início de uma Provocação – Halina Macedo Leal
- N. 238 O trabalho nos frigoríficos: escravidão local e global? – Leandro Inácio Walter
- N. 239 Brasil: A dialética da dissimulação – Fábio Konder Comparato
- N. 240 O irrepresentável – Homero Santiago
- N. 241 O poder pastoral, as artes de governo e o estado moderno – Castor Bartolomé Ruiz
- N. 242 Uma crise de sentido, ou seja, de direção – Stefano Zamagni
- N. 243 Diagnóstico Socioterritorial entre o chão e a gestão – Dirce Koga
- N. 244 A função-educador na perspectiva da biopolítica e da governamentalidade neoliberal – Alexandre Filordi de Carvalho
- N. 245 Esquecer o neoliberalismo: aceleração como terceiro espírito do capitalismo – Moisés da Fontoura Pinto Neto
- N. 246 O conceito de subsunção do trabalho ao capital: rumo à subsunção da vida no capitalismo biocognitivo – Andrea Fumagalli
- N. 247 Educação, indivíduo e biopolítica: A crise do governo – Dora Lilia Marín-Díaz
- N. 248 Reinvenção do espaço público e político: o individualismo atual e a possibilidade de uma democracia – Roberto Romano
- N. 249 Jesuítas em campo: a Companhia de Jesus e a questão agrária no tempo do CLACIAS (1966-1980) – Iraneidson Santos Costa
- N. 250 A Liberdade Viglada: Sobre Privacidade, Anonimato e Vigilantismo com a Internet – Pedro Antonio Dourado de Rezende
- N. 251 Políticas Públicas, Capitalismo Contemporâneo e os horizontes de uma Democracia Estrangeira – Francini Lube Guizardi
- N. 252 A Justiça, Verdade e Memória: Comissão Estadual da Verdade – Carlos Frederico Guazzelli
- N. 253 Reflexões sobre os espaços urbanos contemporâneos: quais as nossas cidades? – Vinícius Nicastro Honesko
- N. 254 Ubuntu como ética africana, humanista e inclusiva – Jean-Bosco Kakozi Kashindi
- N. 255 Mobilização e ocupações dos espaços físicos e virtuais: possibilidades e limites da reinvenção da política nas metrópoles – Marcelo Castañeda
- N. 256 Indicadores de Bem-Estar Humano para Povos Tradicionais: O caso de uma comunidade indígena na fronteira da Amazônia Brasileira – Luiz Felipe Barbosa Lacerda e Luis Eduardo Acosta Muñoz
- N. 257 Cerrado. O laboratório antropológico ameaçado pela desterritorialização – Altair Sales Barbosa
- N. 258 O impensado como potência e a desativação das máquinas de poder – Rodrigo Karmy Bolton
- N. 259 Identidade de Esquerda ou Pragmatismo Radical? – Moisés Pinto Neto
- N. 260 Itinerários versados: redes e identizações nas periferias de Porto Alegre? – Leandro Rogério Pinheiro
- N. 261 Fugindo para a frente: limites da reinvenção da política no Brasil contemporâneo – Henrique Costa
- N. 262 As sociabilidades virtuais glocalizadas na metrópole: experiências do ativismo cibernético do grupo Direitos Urbanos no Recife – Breno Augusto Souto Maior Fontes e Davi Barboza Cavalcanti
- N. 263 Seis hipóteses para ler a conjuntura brasileira – Sauro Bellezza
- N. 264 Saúde e igualdade: a relevância do Sistema Único de Saúde (SUS) – Stela N. Meneghel
- N. 265 Economia política aristotélica: cuidando da casa, cuidando do comum – Armando de Melo Lisboa
- N. 266 Contribuições da teoria biopolítica para a reflexão sobre os direitos humanos – Aline Albuquerque
- N. 267 O que resta da ditadura? Estado democrático de direito e exceção no Brasil – Giuseppe Tosi
- N. 268 Contato e improvisação: O que pode querer dizer autonomia? – Alana Moraes de Souza

- N. 269 A perversão da política moderna: a apropriação de conceitos teológicos pela máquina governamental do Ocidente – Osiel Lourenço de Carvalho
- N. 270 O campo de concentração: Um marco para a (bio) política moderna – Viviane Zarembski Braga
- N. 271 O que caminhar ensina sobre o bem-viver? Thoreau e o apelo da natureza – Flavio Williges
- N. 272 Interfaces da morte no imaginário da cultura popular mexicana – Rafael Lopez Villasenor
- N. 273 Poder, persuasão e novos domínios da(s) identidade(s) diante do(s) fundamentalismo(s) religioso(s) na contemporaneidade brasileira – Celso Gabatz
- N. 274 Tarefa da esquerda permanece a mesma: barrar o caráter predatório automático do capitalismo – Acauam Oliveira
- N. 275 Tendências econômicas do mundo contemporâneo – Alessandra Smerilli
- N. 276 Uma crítica filosófica à teoria da Sociedade do Espetáculo em Guy Debord – Atilio Machado Peppe
- N. 277 O Modelo atual de Capitalismo e suas formas de Captura da Subjetividade e de Exploração Social – José Roque Junges
- N. 278 Da esperança ao ódio: Juventude, política e pobreza do lulismo ao bolsonarismo – Rosana Pinheiro-Machado e Lucia Mury Scalco
- N. 279 O mal-estar na cultura medicamentalizada – Luis David Castiel
- N. 280 Mistérios da economia (divina) e do ministério (angélico). Quando a teologia fornece um paradigma para a filosofia política e esta retroage à teologia – Alain Gignac
- N. 281 A Campanha da Legalidade e a radicalização do PTB na década de 1960. Reflexos no contexto atual – Mário José Maestri Filho
- N. 282 A filosofia moral de Adam Smith face às leituras reducionistas de sua obra: ensaio sobre os fundamentos do indivíduo egoísta contemporâneo – Angela Ganem
- N. 283 Vai, malandra. O despertar ontológico do planeta fome – Armando de Melo Lisboa
- N. 284 Renda básica em tempos difíceis – Josué Pereira da Silva
- N. 285 Isabelle Stengers No tempo das catástrofes. Quinze questões e um artifício sobre a obras – Ricardo de Jesus Machado
- N. 286 O “velho capitalismo” e seu fôlego para dominação do tempo e do espaço – Luiz Gonzaga Belluzzo
- N. 287 A tecnologia na vida cotidiana e nas instituições: Heidegger, Agamben e Sloterdijk – Itamar Soares Veiga
- N. 288 Para arejar a cúpula do judiciário – Fábio Konder Comparato
- N. 289 A Nova Previdência via de transformação estrutural da seguridade social brasileira – Marilinda Marques Fernandes
- N. 290 A Universidade em busca de um novo tempo – Prof. Dr. Pe. Pedro Gilberto Gomes
- N. 291 Tributação, políticas públicas e propostas fiscais do novo governo – Róber Iturriet Avila e Mário Lúcio Pedrosa Gomes Martins
- N. 292 As identidades Chiquitanas em perigo nas fronteiras – Aloir Pacini
- N. 293 Mudança de paradigma pós-crise do coronavírus – Fábio Carlos Rodrigues Alves
- N. 294 O Mar da Unidade: roteiro livre para a leitura do Masnavi de Rûmî – Faustino Teixeira
- N. 295 Função social da propriedade e as tragédias socioambientais de Mariana e Brumadinho: Um constitucionalismo que não é para valer – Cristiano de Melo Bastos
- N. 296 O desassossego do leitor: subjetividades juvenis e leitura na contemporaneidade – Maria Isabel Mendes de Almeida
- N. 297 Escatologias tecnopolíticas contemporâneas – Ednei Genaro
- N. 298 Narrativa de uma Travessia – Faustino Teixeira
- N. 299 Efeito covid-19: espaço liso e Bem Viver– Wallace Antonio Dias Silva
- N. 300 Zeitgeist pós-iluminista e contrarrevolução cientificista na análise econômica– Armando de Melo Lisboa

- N. 301 Educação, tecnologias 4.0 e a estetização ilimitada da vida: pistas para uma crítica curricular– Roberto Rafael Dias da Silva
- N. 302 Mídia, infância e socialização: perspectivas contemporâneas - Renata Tomaz
- N. 303 A colonialidade do poder no direito à cidade: a experiência do Cais Mauá de Porto Alegre - Karina Macedo Gomes Fernandes
- N. 304 Ártico, o canário da mina para o aquecimento global - Flavio Marcelo de Mattos Paim
- N. 305 A transformação dos atores sociais em produção e recepção: trajeto empírico-metodológico de uma pesquisa - Aline Weschenfelder
- N. 306 Impactos Ambientais de Parques Eólicos no Semiárido Baiano: do licenciamento atual a novas perspectivas - Rosana Batista Almeida
- N. 307 História de José, O Carpinteiro, como narratividade de Esperança - Patrik Bruno Furquim dos Santos
- N. 308 Violências, injustiças e sofrimento humano: o impacto das desigualdades sociais nas percepções de Martín-Baró, Ricoeur e Nietzsche - Lina Faria e Rafael Andrés Patino
- N. 309 Catadores de materiais recicláveis: novos sujeitos de direitos na construção da sustentabilidade ambiental - Mariza Rios e Giovanna Rodrigues de Assis
- N. 310 A imagem do pobre nos filmes de Pasolini e Glauber como chave para compreender a ação do capitalismo - Vladimir Lacerda Santafé
- N. 311 Aprendizados no campo da metodologia de orientação acadêmica - Faustino Teixeira
- N. 312 O Desespero Inconsciente de Kierkegaard: melancolia, preguiça, vertigem e suicídio - Paulo Abe
- N. 313 Os Direitos Humanos como parâmetro para as democracias contemporâneas: o caso brasileiro - José Dalvo Santiago da Cruz
- N.314 Algoritmização da vida: a nova governamentalização das condutas - Castor M.M. Bartolomé Ruiz
- N. 315 Capital e ideologia de Thomas Piketty: um breve guia de leitura - Alexandre Alves
- N. 316 "Ecologia com espírito dentro": sobre Povos Indígenas, Xamanismo e Antropoceno - Nicole Soares Pinto
- N. 317 A chacinagem dos chiquitanos - Aloir Pacini e Loyuá Ribeiro F. M. da Costa
- N. 318 Mestre Eckhart: Deus se faz presente enquanto ausência de imagens e de privilégios - Matteo Raschiatti
- N. 319 Indígenas nas cidades: memórias "esquecidas" e direitos violados - Alenice Baeta
- N. 320 Pindó Poty é Guarani! - Roberto Antonio Liebgott e Aloir Pacini
- N. 321 Desbravar o Futuro. A antropotecnologia e os horizontes da hominização a partir do pensamento de Peter Sloterdijk - Rodrigo Petronio
- N. 322 A Trajetória Metodológica Suscitadora de Jesús Martín-Barbero - Alberto Efendy Maldonado Gómez de la Torre
- N. 323 O capitalismo de crise: lógicas e estratégias de dominação - Luiz Inácio Gaiger
- N. 324 O trabalho humano no magistério do Papa Francisco - André Langer
- N. 325 Uma discussão acerca da liberdade da consciência humana: convergências e divergências entre Kierkegaard e Lutero - Heloisa Allgayer e Rafael Francisco Hiller
- N. 326 Técnica e Ética no contexto atual - Oswaldo Giacoia Junior
- N. 327 O amor ao próximo como categoria ética em Simone Weil - Ana Lúcia Guterres Dias
- N. 328 Uma abordagem da filosofia de Miki Kiyoshi - Fernando Wirtz
- N. 329 Yuval Noah Harari: pensador das eras humanas - Rodrigo Petronio
- N. 330 O Mundo é um grande Olho que vemos e que nos vê - José Angel Quintero Weir
- N. 331 A indecente hermenêutica bíblica de Clarice Lispector - João Melo e Silva Junior
- N. 332 Juventudes e as "novas" expressões da participação política - Flávio Munhoz Sofiati



- N. 333 A virosfera: aprendendo a viver com o desconhecido - Eben Kirksey
- N. 334 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume I - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
- N. 335 O Antropoceno e as ruínas da democracia: a condição humana como monstruosidade - Adriano Messias
- N.336 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume II - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
- N. 337 O Direito e o Avesso - Fábio Konder Comparato

 UNISINOS